

Victor Martins Corrêa
Raquel Aparecida Soares Reis Franco

TRABALHO EM CENA:

Antologia de Contos e Itinerário para formação de Círculo de Leitura

Ouro Branco
PARIMPAR
2025

Projeto Editorial: PARIMPAR e Geraldir E.B (Gerar), *e-book*

Capa (concepção): Geraldir E. B. (Gerar)

Revisão: Autores

Ilustrações: Iara Martins dos Santos

Catalogação da Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela Editora Parimpár

C824t Corrêa, Victor Martins; Franco, Raquel Aparecida Soares Reis

Trabalho em cena: antologia de contos e itinerário para formação de círculo de leitura/ Victor Martins Corrêa e Raquel Aparecida Soares Reis Franco. Belo Horizonte [MG]: PARIMPAR, 2025.

.....MB ePUB [publicação digital]

ISBN nº DOI:

1. Educação. 2. Pedagogia. 3. Método de trabalho. 4. Círculo de leitura. 5. Metodologia. I. Autores. II. Título

CDD: 370.7
CDU: 37.02



Todos os Direitos Autorais estão protegidos por *Creative Common (CC)*. Assim, esta obra pode ser reproduzida, copiada e disseminada gratuitamente, desde que as autoras sejam devidamente referenciadas. É proibida a venda e qualquer alteração no conteúdo original sem a autorização dos autores.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	6
APRESENTAÇÃO	8
1 PROPOSTA DIDÁTICA	13
1.1 Por que Círculos de Leitura? Potencialidades Formativas e Literárias.....	13
1.2 Quadro Esquemático dos Encontros.....	17
1.3 Primeiro Encontro: Objetivos e Levantamento das experiências leitoras dos participantes.....	20
1.4 Segundo Encontro: Compartilhamento da Ficha de Experiências Literária	22
1.5 Terceiro Encontro: modelagem inicial	23
1.6 Quarto Encontro: Definição dos Grupos por meio dos Contos Literários.....	29
1.7 Quinto encontro: discussão e registro.....	31
1.8 Sexto Encontro: Releitura dos registros e preparação para a apresentação a toda turma	33
1.9 Sétimo encontro: exposição para toda a classe	35
1.10 Oitavo encontro: apresentação da autoavaliação e discussão das impressões dos estudantes.....	36
1.11 A avaliação	36
2 CONTOS E NOTAS INTRODUTÓRIAS.....	39
2.1 Alex Vieira	41
2.1.1 Nota introdutória - Domingos Sávio Cunha GROSSI	42
2.1.1.1 Sonhador.....	42
2.2 Lima Barreto	44
2.2.1 Nota introdutória – Enéias Xavier GOMES	45
2.2.1.1 O homem que sabia javanês	46
2.3 Maria Benedita Câmara Bormann (Délia)	56
2.3.1 Nota introdutória - Pamela Raiol RODRIGUES.....	57
2.3.1.1 A ama	58
2.4 Mário de Andrade	65
2.4.1 Nota introdutória - Christian COELHO	66
2.4.1.1 Primeiro de maio	68
2.5 Júlia Lopes de Almeida	77
2.5.1 Notas introdutórias.....	78

2.5.1.1	Magali Gouveia ENGEL	78
2.5.1.2	Maria de Lourdes ELEUTÉRIO	82
2.5.1.3	A morte da velha	83
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
	REFERÊNCIAS	91
	ANEXO I - FICHA DE EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS	93
	ANEXO II - EXEMPLOS DE CARTÕES DE FUNÇÃO PREENCHIDOS COM BASE EM UM TEXTO.....	98
	ANEXO III - DIÁRIO DE LEITURA E EXEMPLO COM BASE NO SONETO	107
	ANEXO IV - FICHA CLASSIFICATÓRIA.....	109
	ANEXO V - FORMULÁRIO DE AUTOAVALIAÇÃO.....	110
	ANEXO VI - FORMULÁRIOS DE AVALIAÇÃO	113
	COLABORADORES	127

PREFÁCIO

Caro leitor, sabemos que o letramento literário se inicia para além do contexto escolar, desde criancinhas, quando escutamos canções de ninar, ouvimos contações de histórias ainda assentados no colo de familiares ou manuseamos livros infantis, aqueles recheados de ilustrações que dão asas a nossa imaginação, iniciamos o delicioso mergulho no mundo da literatura. Entretanto, sabemos também que, em determinados contextos ou de nossas vidas ou por carência ao acesso à diversidade de bens culturais, a escola se torna importante espaço de democratização e de formação de leitores, isso porque, no contexto escolar, são apresentados textos literários, disponibilizados livros e momentos de compartilhamento de conhecimento e vivências advindas da esfera da literatura.

Dessa maneira, é essencial que, na escola, as práticas de leitura literária sejam construídas de forma significativa, planejada e que propiciem à comunidade escolar a aproximação amorosa com a arte literária. A literatura é uma ponte para formação de mentes capazes de ampliar a visão de mundo, de promover a empatia e de contribuir para a formação de cidadãos críticos e conscientes. Nessa perspectiva, professores, comprometidos com a função emancipatória, característica da leitura literária, estão sempre em busca de atividades educacionais que se proponham a dinamizar, orientar e alavancar o tão precioso processo de letramento literário.

Este *e-Book* contém um delicioso material que propõe uma prática pedagógica de formação de leitores literários por meio do estímulo à formação de Círculos de Leitura. Para esse fim, foram selecionados, cuidadosamente, cinco contos que abordam perspectivas diversas sobre o mundo do trabalho, são textos que possuem leitura acessível e valiosa aos diversos níveis de leitores, além disso, tais textos propiciam diálogo com outras áreas do conhecimento. Para melhor contextualização dos contos e para agilizar o trabalho do discente, antes de cada texto, há notas introdutórias que foram escritas pelos colaboradores especialistas em literatura, escritores e amantes da arte.

As atividades apresentadas para orientar a leitura dos contos são instigantes, alegres, divertidas, privilegiam a subjetividade e o diálogo entre todos os participantes, inclusive com o(s) professor(es). Também é interessante destacar que

a proposta pedagógica, apresentada neste livro, pode ser utilizada tanto por professores de língua portuguesa, como de outras áreas do conhecimento, seja de maneira interdisciplinar ou particular.

Iara Martins dos Santos

APRESENTAÇÃO

Este e-Book, elaborado como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – campus Ouro Branco, constitui o produto educacional oriundo de um processo de pesquisa e desenvolvimento vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Concebido a partir de resultados e referenciais teóricos da dissertação intitulada *Práticas de leituras literárias e suas contribuições à formação omnilateral no Ensino Médio Integrado do Instituto Federal campus Ibirité* (Corrêa, 2025).

Este material didático tem como propósito oferecer uma prática voltada ao desenvolvimento do letramento literário e formação de leitores, além de apresentar uma seleção de contos literários que dialogam com a temática do mundo do trabalho. O objetivo central da nossa pesquisa foi compreender como ocorrem as práticas de leitura literária no Ensino Médio Integrado (EMI) sob o ponto de vista dos docentes de diferentes disciplinas do IFMG campus Ibirité.

Ademais, como objetivos específicos, buscamos identificar quais textos literários são lidos e apontar as funções das práticas de leitura literária sob a perspectiva de professores de diferentes disciplinas do IFMG campus Ibirité. A partir das análises dos dados obtidos e da construção do nosso referencial teórico, elaboramos este e-Book que propõe a formação de Círculos de Leitura a partir de uma seleção de contos que perpassam a temática do mundo do trabalho como estratégia para o desenvolvimento de prática de leitura literária que privilegie a subjetividade do estudante e o compartilhamento da leitura.

Acreditamos que a prática de leitura literária, quando mediada de forma crítica, contextualizada e dialógica, possui importante potencial formativo em ambiente escolar. Além disso, constatamos, em nossa pesquisa, que a prática da leitura literária na escola não está, e tampouco deveria estar, limitada ao ensino de Língua Portuguesa. Ao contrário, pode ser explorada em diversos componentes curriculares, o que contribui de forma significativa para a formação integral e integrada dos estudantes, em consonância com os princípios que orientam o Ensino Médio Integrado dos Institutos Federais.

Com base nessas perspectivas, organizamos este material em duas partes complementares. A primeira contém uma proposta didática de formação de Círculos

de Leitura Literária a partir dos contos indicados em seção posterior, a metodologia utilizada é inspirada, principalmente, nos estudos de Cosson (2014; 2021), voltados à criação de comunidades leitoras no espaço escolar. Apresentamos também, como apoio a proposta, modelos de formulários, fichas e exemplos de preenchimento de funções que estão presentes nos anexos deste *e-Book*, acreditamos que esses materiais podem facilitar bastante o desenvolvimento da prática.

A segunda deste material é composta por uma antologia de contos literários que perpassam a temática do *mundo do trabalho*. São escritos por diferentes autores, e apresentam diversas épocas de publicação. Esses textos foram escolhidos cuidadosamente, levamos em consideração a relevância estética, pluralidade de reflexões, e a possibilidade conexões com distintas áreas do currículo escolar. Procuramos selecionar textos que apresentam diversos vieses em relação a temática eleita.

Nossa escolha pela temática do trabalho como eixo articulador da antologia se justifica tanto pela centralidade desse tema na Educação Profissional quanto por seu potencial integrador entre as disciplinas da EPT, que tem como um dos objetivos principais a formação para o mundo do trabalho, ou seja, ao propor textos literários que perpassam o universo do trabalho, buscamos fomentar discussões que ultrapassem os limites disciplinares. Afinal, acreditamos que a seleção temática pode facilitar o uso interdisciplinar dos textos e da prática de leitura, permitindo que o material seja explorado por professores de diferentes áreas e disciplinas, seja de forma integrada ou em abordagens isoladas.

Cabe destacar que tanto os contos e quanto os textos que os precedem podem ser utilizados de forma autônoma, independentemente da proposta metodológica apresentada posteriormente, seja dentro ou fora do ambiente escolar. Procuramos manter a flexibilidade do material e ampliar seu alcance pedagógico. Além de que buscamos valorizar a diversidade de abordagens possíveis no uso do texto literário em sala de aula. Dessa forma, a escolha da temática que envolve os contos não deve ser vista como único eixo de abordagem dos textos literários, pelo contrário, compreendemos que cada um possui estética particular, além de potencialmente promover diversidade de leituras, discussões e reflexões.

A antologia reúne cinco contos de autorias distintas, cada um deles é acompanhado por duas notas introdutórias. Uma elaborada por nós, autores do *e-Book*, e outra escrita por colaboradores convidados, com comentários apreciativos e

provocadores sobre os autores e seus contos, que estão organizados na seguinte ordem: *Sonhador*, de Alex Vieira, com apresentação de Sávio Cunha Grossi, escritor, publicitário e amigo do autor; *O Homem que Sabia Javanês*, de Lima Barreto, apresentado por Éneas Xavier, promotor de justiça e autor da coluna *Literatura, arte e direito* (Itatiaia); *A Ama*, de Maria Benedita Câmara Bormann (Délia), com texto de Pamela Raiol, mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (UFPA); *Primeiro de Maio*, de Mário de Andrade, com contribuição de Christian Coelho, escritor, doutorando e mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); e *A Morte da Velha*, de Júlia Lopes de Almeida, apresentado por Magali Gouveia Engel, professora doutora e colaboradora do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Bahia.

Consideramos que as notas introdutórias que antecedem cada conto têm o potencial de oferecer subsídios contextuais relevantes, além de instigar reflexões sobre os autores e as obras selecionadas. Pretende-se, com elas, não apenas apresentar os escritores e suas narrativas, mas também aproximar o leitor do universo em que esses textos foram produzidos, sugerir caminhos interpretativos diversos e abrir possibilidades para novas investigações.

Dessa forma, acreditamos que as notas podem estimular uma leitura mais crítica e situada, e podem ainda servir de apoio ao trabalho do docente, especialmente na mediação e no planejamento das atividades didáticas que serão desenvolvidas com os estudantes. Não, temos, portanto, objetivo de apresentar uma leitura autorizada e única dos contos selecionados, acreditamos que o texto literário deve ocupar a centralidade da prática de leitura literária, dessa maneira os dados biográficos e notas procuram ampliar, e não reduzir a prática.

Além das notas introdutórias, após cada conto o leitor se deparará com uma ilustração. Elas foram desenvolvidas especialmente para compor este material, por Iara Martins dos Santos. Acreditamos que os desenhos possam eventualmente instigar reflexões e discussões a partir de uma relação intersemiótica. Além disso, temos como objetivo deixar a leitura dos contos ainda mais imagética e prazerosa.

Com base nos dados empíricos e na fundamentação teórica presente em nessa pesquisa, percebemos que a formação dos Círculos de Leitura Literária pode ser uma prática eficaz para o alcance da leitura literária, e proveitosa para o desenvolvimento do letramento literário e formação de leitores no Ensino Médio

Integrado, em outros ambientes educacionais ou até mesmo fora deles. Os Círculos são estruturados em diversas etapas, da seleção dos textos à avaliação coletiva, e visam à formação de um ambiente dialógico, colaborativo e respeitoso, no qual diferentes interpretações e experiências leitoras possam ser compartilhadas.

As etapas serão abordadas minuciosamente no capítulo referente à proposta didática em que se apresenta um itinerário para a formação de Círculos de Leitura. Cosson (2014; 2021) destaca os Círculos como uma prática de leitura literária que valoriza a escuta ativa, a construção coletiva de sentidos e o protagonismo dos estudantes no processo de leitura. Além disso, compreendemos que essa prática pode valorizar a fruição da leitura literária.

Como outro referencial, adotamos a perspectiva do letramento “ideológico” (Street, 2014), em contraposição à concepção de um letramento “autônomo”, abordagem que comprehende a leitura não como um ato neutro, mas uma prática social e culturalmente situada, permeada por relações de poder e marcada pelas vivências dos sujeitos. Nesse sentido, não consideramos haver uma única ou correta forma de desenvolvimento do letramento, seja ele literário ou não, ao contrário, acreditamos ser fundamental valorizar as dimensões subjetivas e culturais dos leitores. De maneira convergente, compreendemos o letramento literário como um processo de apropriação da literatura enquanto linguagem (Cosson, 2014), que, para ser efetivamente desenvolvido no ambiente educacional, exige práticas que estimulem a sensibilidade, a criticidade, a imaginação, a fruição estética e a expressão da subjetividade.

Acreditamos que os Círculos de Leitura não apenas se alinham às concepções de letramento literário e “ideológico”, mas que também dialogam diretamente com os princípios da formação omnilateral. Pois promovem a participação ativa dos estudantes, a escuta mútua, o debate e a interpretação compartilhada, dessa forma essa prática pode favorecer o desenvolvimento integral dos sujeitos — em suas dimensões crítica, sensível, cognitiva e ética. No desenvolvimento do Círculo de leitura, a literatura não é vista apenas como um conteúdo escolar, por outro lado passa a ser vivida como linguagem e experiência, o que potencializa sua função formativa.

Como afirma Pacheco (2010, p. 24), a formação omnilateral é “potencializadora do ser humano, enquanto integralidade, no desenvolvimento de sua capacidade de gerar conhecimentos a partir de uma prática interativa com a

realidade, na perspectiva de sua emancipação". Ao valorizar as leituras subjetivas dos estudantes e promover espaços compartilhados, os Círculos de Leitura contribuem para a autonomia intelectual, o fortalecimento do pensamento crítico e a ampliação da empatia tendo em vista que é uma prática colaborativa — elementos essenciais à educação integral que objetiva a formação de cidadãos conscientes e socialmente engajados. Dessa forma, acreditamos que essa prática oferece à escola a oportunidade de atingir as funções humanizadora, crítica, cognitiva da literatura como instrumento formativo e de transformação social.

Por fim, esperamos que este e-Book possa contribuir com os profissionais da Educação Profissional e Tecnológica que buscam caminhos para integrar a leitura literária às práticas pedagógicas cotidianas de maneira prazerosa e plural, com o intuito de potencializar a prática de leitura e não a restringir. Que ele sirva como inspiração para novas experiências e como ponto de partida para fortalecer a presença da literatura nos processos educativos, reafirmando seu papel formativo, interdisciplinar e emancipador.

1 PROPOSTA DIDÁTICA

Esta seção propõe uma prática de leitura literária que pode ser utilizada tanto como atividade didática pontual quanto como ponto de partida para a formação de Círculos de Leitura em ambiente educacional. Compreendemos que o Círculo de Leitura se caracteriza por sua natureza contínua e renovável, tendo em vista que os textos literários, as discussões e até mesmo seu formato são constantemente atualizados. Nesse sentido, a proposta aqui apresentada pode servir como preparação ou etapa inicial para a implementação de um Círculo de Leitura em contextos educativos, com o intuito de que ele se desenvolva e se transforme ao longo do tempo, conforme as escolhas e necessidades do grupo de leitores em diálogo com os professores.

Antes de apresentarmos a proposta didática, é fundamental explicitar as razões pelas quais nos apoiamos na prática dos Círculos de Leitura, à luz dos resultados da nossa investigação e do referencial teórico adotado. Dessa forma, a subseção a seguir, dedica-se a apresentar o conceito de Círculos de Leitura e a justificar sua escolha como potencial estratégia para o compartilhamento de textos literários com base em referências teóricas. Argumentamos que essa prática se configura como uma ferramenta potente para o desenvolvimento do letramento literário, a formação de leitores e a promoção de uma educação orientada pela perspectiva da formação integral do sujeito.

1.1 Por que Círculos de Leitura? Potencialidades Formativas e Literárias.

Ao longo do desenvolvimento de nossa investigação, fomos desafiados a pensar em práticas de leitura literária que favoreçam não apenas o contato com a literatura e o desenvolvimento do letramento literário, mas que possibilitem, de fato, a formação crítica e emancipatória do sujeito-leitor principalmente no contexto do Ensino Médio Integrado (EMI) dado o nosso *lócus* de pesquisa. Buscamos, portanto, metodologias que estivessem alinhadas aos princípios da formação omnilateral ou seja “crítica e emancipatória” (Oliveira 2020, p. 62) base para a educação integral almejada pelos Institutos Federais. Também seguimos os pressupostos de

Manacorda (2010, p. 94), ao compreendermos a formação omnilateral como o “desenvolvimento total, completo, multilateral, em todos os sentidos, das faculdades e das forças produtivas, das necessidades e da capacidade da sua satisfação”.

Nesse espectro, a prática do Círculos de Leitura nos parece uma estratégia potente no desenvolvimento de práticas de leitura literária, visto que ela reúne condições que seguem ao encontro da proposta de uma leitura enquanto prática social, histórica e culturalmente situada, a intenção é valorizar a posição subjetiva do leitor. Tal compreensão está relacionada ao modelo de letramento “ideológico” proposto por Street (2014), importante referência em nosso estudo, segundo o autor, os letramentos não são neutros nem universais, por outro ângulo, eles são atravessados por relações de poder e constituídos na vivência dos sujeitos. Assim, letramento e leitura se relacionam à cultura e à história, o que nos convida a romper com a ideia de que a prática de leitura literária e o desenvolvimento do letramento devam ter caráter funcionalista ou puramente técnico.

Compreendemos, também, que o desenvolvimento do letramento literário em ambiente escolar, enquanto parte da concepção plural de letramentos, não precisa se restringir estritamente ao ensino de obras consagradas, identificação de características textuais que, muitas vezes, parecem arbitrárias, o que pode induzir à repetição de modelos analíticos tradicionais ou limitar as leituras às vozes autorizadas. Por outro lado, como propõe Cosson (2014), o letramento literário deve ser entendido como “processo de apropriação da literatura enquanto linguagem”, de maneira que esse processo se inicia na infância, com os primeiros contatos com histórias, poemas e cantigas, e se prolonga por toda a vida, de modo que cada sujeito se relaciona com o texto literário de maneira singular (Cosson, 2014), percebendo, assim, o estudante como um sujeito que já carrega subjetividades em relação à literatura. Cosson (2014) comprehende o desenvolvimento do letramento literário como o:

ato de tomar algo para si, de fazer alguma coisa se tornar própria, de fazê-la pertencer à pessoa, de internalizar ao ponto daquela coisa ser sua. É isso que sentimos quando lemos um poema e ele nos dá palavras para dizer o que não conseguíamos expressar antes (Cosson, 2014).

Ao entendermos a literatura como forma de expressão, de construção coletiva de sentido, de afeto e apropriações, nos enveredamos por um caminho propositivo de que práticas de leitura literária precisam ir além do instrumental e do

funcionalismo. Dessa maneira, a prática da leitura literária em contexto escolar, como defende Paulino (1999), deve considerar “o uso de ferramentas interpretativas que possibilitem não apenas decodificar o texto literário, mas estabelecer relações entre ele, o leitor e o mundo”. Para que assim se desenvolva o letramento literário.

Nesse sentido, a prática do Círculo de Leitura nos interessa especialmente por seu caráter socializador, crítico, inclusivo e subjetivo. Sabemos que a prática de leitura não é exercida exclusivamente na escola, e consideramos esse fator como positivo. Práticas de leitura podem ocorrer em espaços comunitários, bibliotecas, cafés, clubes e ambientes virtuais, o que demonstra que o Círculo de Leitura pode contribuir para o alcance da fruição e do prazer estético em relação à leitura literária. O fato de que a leitura literária transita socialmente em diversos ambientes, nos permitiu imaginar que a prática possa também ser desenvolvida por outras disciplinas ou de forma interdisciplinar, tratando a literatura como objeto transdisciplinar e de linguagem capaz de trafegar por temas diversos e estabelecer conexões entre diferentes áreas de conhecimento e disciplinas.

Ademais, como aponta Cosson (2021, p. 10), “o círculo de leitura, como espaço compartilhado de leitura, busca a escuta e o respeito às individualidades. Ao mesmo tempo, promove a convivência e o conhecimento do outro pela mediação do texto literário”. Dessa forma, promove-se, por meio da experiência literária também a humanização do sujeito, importante à formação integral, sem que se anule a experiência estética do texto particular ao texto literário, tendo em vista que a leitura integral do texto é central na atividade desenvolvida.

O potencial coletivo da prática também pode ser relacionado à ideia de construção de uma “comunidade de leitores” (Cosson, 2007), que compartilha experiências de leitura em um processo formativo e dialógico, sendo por sua vez valorosa na formação de leitores. Também consideramos que essa prática é especialmente favorável por possibilitar a ampliação do repertório literário, a diversificação de gêneros e autores, e por aproximar a literatura do cotidiano dos estudantes.

Os Círculos de Leitura, por sua natureza aberta e dialógica, permitem que os próprios alunos participem da escolha dos textos a serem lidos, o que fortalece o sentimento de pertencimento e autonomia — aspectos essenciais em uma escola que se pretende democrática, crítica e humanizadora. Além disso, a proposta não se limita à escrita literária em sua forma tradicional: textos musicais,

cinematográficos, ensaísticos ou outros gêneros que dialoguem com a linguagem literária também podem ser incorporados no desenvolvimento da prática.

Cosson (2021, p. 9) reforça que “na escola, um círculo de leitura é estratégia didática privilegiada de letramento literário porque, além de estreitar laços sociais, reforçar identidades e solidariedade entre os participantes, possui um caráter formativo essencial ao desenvolvimento da competência literária”.

- **Os Círculos de Leitura**

Segundo Cosson (2014), os Círculos de Leitura podem ser classificados em três tipos principais: estruturados, semiestruturados e abertos ou não estruturados. Os **estruturados** seguem um roteiro fixo, com etapas de leitura e papéis de seus integrantes bem definidos, há uma pessoa que media o círculo com maior rigor. Os **semiestruturados** são conduzidos por um mediador, que orienta o grupo sem impor rigidez, há maior abertura nos registros individuais e papéis de seus integrantes. Por outro lado, os **abertos** têm organização coletiva e flexível, são centrados no compartilhamento das impressões sobre a obra lida e os integrantes não têm, necessariamente, funções muito específicas.

Cosson (2014) propõe sete passos para sua realização que serão afetados de acordo com o tipo de Círculo desenvolvido: (1) identificação dos participantes e seus interesses em relação à literatura; (2) seleção negociada da obra; (3) organização colaborativa da agenda de encontros; (4) leitura individual e preparação dos leitores para a discussão do texto lido; (5) compartilhamento das leituras feitas; (6) registro; e (7) avaliação. A prática pode acontecer dentro ou fora do ambiente escolar, presencialmente ou de forma virtual, e seu objetivo pode variar desde a leitura de autores, gêneros, textos específicos até o debate sobre temas transversais e textos diversos.

Em suma, trata-se de uma prática acessível, adaptável e com grande potência formativa. Como afirma o autor:

Um círculo de leitura é uma atividade pedagógica privilegiada para incentivar, desenvolver e consolidar diversas práticas de leitura e socialização que são fundamentais tanto na formação do leitor quanto na educação integral do aluno (Cosson, 2021, p. 25).

Portanto, ao adotarmos os Círculos de Leitura como eixo de nossa proposta, reconhecemos neles uma via prática e conceitualmente sólida para desenvolver o letramento literário em sua dimensão crítica, estética, humana e transformadora — valores que se assemelham aos princípios de uma educação que almeja a formação

integral do sujeito. A seguir propomos uma sequência didática com o intuito de formação de um Círculo de Leitura por meio dos contos literários selecionados para esse e-Book, a proposta pode se aproximar de um Círculo Estruturado ou semiestruturado, de acordo com as opções feitas por seu mediador.

Destacamos que a proposta não é necessariamente estática, e pode ser alterada de acordo com a perspectiva do professor sobre sua turma, os encontros são uma maneira de organização. Dessa forma, podem-se, por exemplo, suprimir um encontro, alongá-los por mais de uma aula, a agrupar dois em apenas uma aula etc. não é necessário que se siga uma sequência fixa, pois se trata de uma proposta de trabalho.

1.2 Quadro Esquemático dos Encontros

No Quadro 1 há um esquema dos encontros contendo seus principais objetivos, atividades que serão desenvolvidas, assim como materiais utilizados.

Quadro 1 – Esquematização dos encontros

Encontro	Objetivos	Atividades		Materiais
		Professor	Estudante	
1	Apresentação dos objetivos da proposta didática e preenchimento da Ficha de Experiências Literárias.	Apresentar os objetivos da proposta e entregar a ficha.	Preencher a ficha de experiências literárias.	Ficha de Experiências Literárias.

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

(Continuação) Quadro 1 – Esquematização dos encontros

Encontro	Objetivos	Atividades		Materiais
		Professor	Estudante	
2	Compartilhamento da ficha preenchida.	Propor a discussão entre grupos ou entre a sala toda, organizar o ambiente.	Apresentar fisicamente e oralmente a ficha de experiências de literárias para seu grupo ou turma.	Ficha de Experiência Literária Preenchida.
3	Apresentação detalhada das etapas, dos materiais que serão utilizados e demonstração de ambos	Apresentar as etapas da proposta Apresentar os materiais que serão utilizados Seleção e leitura de texto literário curto Demonstrar como são preenchidos/elaborados os materiais com base no texto curto selecionado	Leitura coletiva do texto curto. Apreciação dos modelos preenchidos de Cartão de função e/ou Perguntas e Respostas e/ou Diário de Leitura	Texto literário curto Modelos preenchidos de Cartão de função e/ou Perguntas e Respostas e/ou Diário de Leitura
4	Definição dos Grupos por meio dos Contos Literários Definição das funções dos integrantes dos grupos.	Apresentar os contos literários selecionados. Entregar ficha classificatória. Entregar os contos a cada grupo respectivamente.	Preencher ficha classificatória. Formar os grupos a partir da classificação individual dos contos. Eleição de um representante do grupo. Definição de funções dos integrantes.	Notas introdutórias relativas aos contos literários. Ficha Classificatória. Contos Literários.

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

(Continuação) Quadro 1 – Esquematização dos encontros

Encontro	Objetivos	Atividades		Materiais
		Professor	Estudante	
5	Discussão / Compartilhamento das leituras individuais. Desenvolvimento do registro das discussões.	Orientação para a disposição dos grupos e para a discussão. Observação das discussões ao circular entre os grupos.	Apresentar os registros individuais da leitura realizada.. Compartilhar e discutir coletivamente as leituras com base nos registros apresentados Redigir o registro do compartilhamento de leitura.	Conto literário Cartão de função e/ou Perguntas e Respostas e/ou Diário de Leitura devidamente preenchidos. Registro da discussão.
6	Definição de formato de apresentação dos contos e reflexões para a turma toda.	Apresentação de práticas de leitura literária.	Releitura do registro da discussão. Escolha da prática/formato de apresentação. Planejamento para o desenvolvimento da apresentação.	Registros da discussão.

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

(Continuação) Quadro 1 – Esquematização dos encontros

Encontro	Objetivos	Atividades		Materiais
		Professor	Estudante	
7	Apresentação do conto e reflexões do grupo.	Organizar a turma para as apresentações. Entregar ficha de autoavaliação.	Apresentar o conto literário lido de acordo com prática/formato elegido. Apreciar apresentação dos demais grupos. Preencher ficha de autoavaliação.	Ficha de autoavaliação.
8	Apresentação física e oral da ficha de autoavaliação. Discussão sobre a prática e possível continuidade de desenvolvimento do Círculo de Leitura.	Organizar a turma em círculo. Recolher fichas de autoavaliação. Apresentar avaliações.	Entregar ficha de autoavaliação. Apresentar autoavaliação de maneira oral.	Ficha de autoavaliação.

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

Nas seções que seguem, descrevemos de forma minuciosa a proposta didática para cada um dos encontros. Buscamos apresentar as etapas de execução, os recursos utilizados e as interações estabelecidas entre os participantes.

1.3 Primeiro Encontro: Objetivos e Levantamento das experiências leitoras dos participantes

Acreditamos que no início da preparação para a formação dos Círculos de Leitura em sala de aula, é fundamental que os estudantes compreendam o objetivo central da proposta. Nesse sentido, o professor deve explicar o porquê da proposta, dessa maneira definimos como objetivo principal desta sequência didática (que pode ser expresso aos discentes no primeiro encontro):

- Formar um **Círculo de Leitura Literária** que terá encontros regulares, que por sua vez têm o intuito de promover a leitura compartilhada e o debate crítico de obras literárias diversas entre grupos de estudantes da mesma sala.

Em relação aos objetivos específicos da proposta destacamos:

- Reconhecer parte das preferências literárias já consolidadas e desejos de leituras futuras dos estudantes
- Formar o Círculo de Leitura por meio da leitura e discussão de contos brasileiros previamente selecionados e que abordem a temática do mundo do trabalho.
- Desenvolver registros pessoais que ressaltem as interpretações, sensações estéticas e observações individuais de cada estudante em relação aos contos lidos.
- Promover o diálogo entre os estudantes por meio da leitura dos contos selecionados, evidenciando suas perspectivas estéticas e interpretativas sobre os contos lidos.
- Evidenciar o caráter transdisciplinar da leitura literária, a partir das múltiplas possibilidades de discussão suscitadas pelos contos selecionados, que possam promover conexões entre diferentes áreas do conhecimento.
- Elaborar diferentes formas de apresentação sobre o conto lido, de acordo com as escolhas do grupo de estudantes, valorizando múltiplas linguagens e modos de expressão.

Após a apresentação dos objetivos geral e específicos da proposta didática, sugerimos que o professor entregue aos estudantes uma ficha (Anexo I) para que preencham com registros de obras literárias já lidas — incluindo livros, narrativas ou outras expressões literárias com as quais tenham tido contato — acompanhadas de uma breve avaliação pessoal sobre o texto rememorado. Além desse levantamento de experiências prévias, a ficha também reserva um espaço para que os estudantes indiquem obras literárias que despertam seu interesse, e que ainda não foram lidas por eles. O intuito é permitir que o professor conheça, brevemente, os desejos de leitura e perfil literário dos estudantes para que se possa, futuramente, dar continuidade ao Círculo de Leitura de forma mais significativa e participativa, por

meio de leituras selecionadas pelos estudantes em negociação com o professor ou, até mesmo, promover outras práticas baseadas em indicações dos discentes.

1.4 Segundo Encontro: Compartilhamento da Ficha de Experiências Literária

Propomos que no segundo encontro, já com as fichas preenchidas pelos estudantes, seja realizado um momento de compartilhamento das experiências literárias registradas pelos discentes. Sugerimos que o professor participe da atividade, ao preencher sua própria ficha e compartilhá-la com a turma, de maneira a incentivar e valorizar a escuta mútua. Após a apresentação do professor, sugerimos que se dê continuidade com a apresentação das fichas pelos estudantes, o que pode ocorrer de duas maneiras, a depender do perfil da turma identificado pelo docente. São elas:

1 - Apresentação em pequenos grupos de estudantes:

Nesta ocasião, os estudantes serão organizados em grupos de, no mínimo, três e, no máximo, cinco integrantes. As apresentações das fichas ocorrerão apenas entre os membros do grupo e com a presença do professor. Nessa dinâmica, o professor deverá circular entre os grupos, acompanhar as apresentações, ouvir as experiências relatadas e promover breves intervenções, quando necessário.

2 - Apresentação das fichas para toda a turma:

Nesta opção, cada estudante deve compartilhar sua ficha com toda a turma, em um momento coletivo de escuta e troca. A apresentação pode ocorrer de forma ordenada em círculo, seguindo critérios como ordem de chamada, escolha do professor ou livre definição entre os próprios discentes. Essa dinâmica pode ampliar o reconhecimento das experiências leitoras da sala como um todo e favorecer a construção de uma identidade coletiva enquanto uma comunidade de leitores.

Observações: A primeira opção de apresentação pode ser positiva por demandar menos tempo, de maneira que pode evitar o cansaço em turmas muito numerosas. Além disso, pode preservar estudantes que eventualmente se sintam envergonhados por acreditarem não ter vivenciado muitas experiências com o texto

literário. Por outro lado, essa dinâmica pode limitar o compartilhamento geral das experiências entre toda a turma, e por sua vez, enfraquecer a construção coletiva da turma.

A segunda opção de apresentação é positiva para o fortalecimento da comunidade de leitores, pois amplia o compartilhamento de textos, experiências e observações entre a turma toda. No entanto, pode gerar constrangimento em alunos mais tímidos ou naqueles que acreditam ter menos habilidades ou vivências com textos literários, o que exige, portanto, sensibilidade por parte do professor na condução e escolha da opção de apresentação.

Observamos também que essa etapa de compartilhamento coletivo pode ser suprimida da proposta didática. Diferente disso, as fichas podem ser apenas lidas pelo professor e arquivadas para usos futuros.

1.5 Terceiro Encontro: modelagem inicial

Neste encontro, sugerimos que a proposta de formação do Círculo de Leitura seja apresentada de forma detalhada aos estudantes, por meio da explicação de suas etapas e dinâmicas. Em seguida, o professor deverá construir, juntamente com os alunos, um cronograma para os próximos encontros, considerando o calendário escolar, a possível participação de outros professores, além do número de encontros previstos. É importante destacar que esse planejamento pode ser flexível, o que permite ajustes como a fusão de etapas ou a supressão de encontros, conforme a realidade da turma e a perspectiva do professor. Também sugerimos a realização da demonstração das etapas de registro e discussão de um pequeno texto literário com os estudantes antes do desenvolvimento da prática em si, a fim de familiarizar os estudantes com o funcionamento do Círculo. A modelagem

abrange dois procedimentos: a demonstração, quando o professor encena, ou seja, mostra como se faz cada procedimento; em seguida o treinamento quando o professor e os alunos ensaiam e treinam as diversas etapas e fases de um círculo de leitura, repetindo um ou outro procedimento quantas vezes for necessário. (Cosson, 2021 p.66)

Compreendemos que a presente proposta didática pode servir principalmente para um treinamento mais avançado para a consolidação do Círculo de Leitura. Dessa maneira este encontro funcionará como uma demonstração em que o

professor se dedicará à demonstração, por meio da leitura compartilhada de um texto breve, com o objetivo de apresentar aos estudantes algumas estratégias úteis para a realização dos registros de leitura e para a participação em discussões coletivas. Para isso, sugerimos que seja escolhido um texto com o qual tanto o docente quanto a turma já tenham alguma afinidade ou familiaridade — como um poema, uma canção ou um microconto. A proposta é que essa leitura seja feita em conjunto com a turma e, se possível, com a colaboração de leitores mais experientes, promovendo releituras e comentários que sirvam de modelo para os encontros posteriores.

Após a escolha do texto curto, propomos que o professor selecione e organize alguns dos materiais listados a seguir, que servirão de apoio para a próxima etapa: a discussão em grupos. Esses materiais, inspirados em Cossen (2021), podem ser utilizados de forma isolada ou combinada, de acordo com o perfil da turma e seus níveis de experiência leitora. Sua organização segue uma progressão que parte de leitores menos experientes até os mais autônomos, possibilitando ao professor adaptar as propostas conforme as necessidades e características do grupo. A escolha criteriosa desses instrumentos deve considerar o repertório da turma e os objetivos formativos de cada etapa da atividade.

Material 1: Cartões de Função

Os cartões de função atribuem papéis específicos aos integrantes do grupo, têm objetivo de orientar a leitura e favorecer interpretações e reflexões sobre o texto. Cada cartão é designado a um componente do grupo e é preenchido após a leitura do texto literário de maneira individual, a não ser a função Registrador/Notário que é desenvolvido após a discussão do grupo de maneira coletiva **ou** individual. Normalmente, são utilizados em grupos de leitores menos experientes.

Tendo em vista os cartões de função, o professor pode selecionar um ou mais deles para demonstrar o modo como cada função pode ser desempenhada pelos estudantes. Para isso, ao utilizar o texto curto selecionado e já conhecido pela turma, o professor pode exemplificar, de forma breve, como cada cartão funcionaria na prática, elaborando pequenos modelos ou simulações de resposta para cada função, de modo a orientar os alunos no momento da atividade.

No Anexo II deste livro, disponibilizamos cartões de função já preenchidos, que podem servir como exemplo tanto para o professor quanto para os estudantes. Esses cartões foram elaborados com base na leitura simulada de um soneto de Camões (1595), também presente no anexo. Ressaltamos que se são apenas modelos ilustrativos, por isso foram preenchidos de forma simples e objetiva, com o intuito de facilitar a compreensão da proposta. Dentre os Cartões de função, Cosson (2021) evidencia:

- **O questionador.** O integrante que terá o papel de elaborar questionamentos sobre o texto literário lido pelo grupo. Destaca-se que as perguntas elaboradas devam suscitar reflexões, e, preferencialmente, não devam ter como resposta apenas o sim/não.
- **O Iluminador de passagem.** Nesta função, o integrante deverá selecionar passagens presentes no texto literário que julgar como interessantes por alguma razão, seja por sua estética, por sua complexidade, por suscitar emoções, etc. Então, no momento da discussão compartilhada com a turma, o participante deverá ler a passagem, explicar o porquê da escolha e propor discussões sobre ela, procurando debater com os colegas aspectos do trecho lido, sem que se busque uma interpretação “correta”, mas que se proponha reflexões sobre a passagem.
- **O conector.** Com esta função o estudante deverá selecionar trecho(s) do texto literário selecionado pelo grupo e relacioná-lo com outros textos, ou até mesmo com contextos específicos, seja acontecimentos, pessoais ou públicos como fatos históricos, notícias, etc. No momento da discussão, o integrante apresenta o trecho e elabora sua relação com outros textos, em seguida, questiona aos outros colegas se concordam com a relação procurando estabelecer discussões ou levantamento de outras aproximações textuais.
- **Dicionarista.** O integrante do grupo, responsável por essa função, deverá identificar palavras ou expressões de uso pouco comum que possam dificultar a compreensão e que mereçam investigação quanto aos seus sentidos. Após selecionar essas palavras, ele pesquisará seus significados e elaborará uma interpretação do trecho em que

foram empregadas. Durante a discussão em grupo, o integrante deve apresentar os trechos em que as palavras aparecem, convidar os colegas a refletirem sobre seus sentidos nos contextos, por fim, compartilhar os significados encontrados e suas próprias interpretações, com o intuito de promover o debate e o aprofundamento da leitura.

- **Sintetizador.** O estudante responsável por essa função deverá elaborar um texto que sintetize a leitura literária realizada, deve-se buscar o equilíbrio entre concisão e profundidade. É importante que a síntese aborde os elementos centrais do texto lido, e que se evite tanto excessos desnecessários, quanto a omissão de informações relevantes para a compreensão do texto. No momento da discussão, o integrante com essa função pode ser convidado a iniciar as intervenções. Ao ler sua síntese aos colegas, deverá procurar estabelecer uma visão geral da obra lida e uma base comum para o diálogo e a interpretação coletiva.
- **Pesquisador.** O integrante designado para esta função tem como responsabilidade identificar elementos e/ou trechos que exijam pesquisas para a compreensão ou até mesmo por suscitam possibilidades de discussão em relação ao texto literário. Esses podem estar relacionados a aspectos geográficos, históricos, culturais, sociais ou tecnológicos. Dessa forma, o papel do Pesquisador é investigar esses aspectos curiosos e trazer informações que contribuam para a interpretação do texto, com o objetivo de ampliar o olhar do grupo sobre o conteúdo literário ou até mesmo esclarecer passagens e/ou o texto como um todo. Essa função evidencia, de forma mais clara, o potencial transdisciplinar da literatura, pois permite conexões com diferentes áreas do conhecimento, além de favorecer uma contextualização do texto.
- **Analista de Personagem.** A função do analista de personagem é buscar a caracterização dos personagens presentes no texto literário. Essa caracterização pode ser construída a partir da análise de suas ações, pensamentos e comportamentos, ou mesmo por meio das descrições feitas por um possível narrador ou outros personagens. No

momento da discussão, o integrante pode apresentar a caracterização elaborada, e abrir espaço para que o grupo complemente com outras interpretações, pontos de vista ou concordâncias.

- **Registrador/Notário.** Esta função pode ser designada a um integrante, a todos de maneira coletiva ou a todos de maneira individual. Consiste no registro relativo às discussões realizadas pelo grupo em relação ao texto literário lido. O objetivo é sintetizar o que foi discutido pelo grupo, deve-se ser fiel às observações dos colegas e identificar os integrantes e suas contribuições. Esta função pode ser valiosa mesmo em grupos de leitores mais experientes, podendo servir como material de avaliação para o professor.

Material 2 - Perguntas e Resposta

As perguntas e respostas são uma alternativa indicada para grupos com um pouco mais de experiência. Nesse modelo de preparação para a discussão, cada estudante elabora perguntas sobre o texto literário para serem respondidas pelos demais integrantes do grupo. Além disso, o próprio aluno também deve apresentar possíveis respostas para os questionamentos que formulou. O professor deve orientar os estudantes para que evitem questões cuja resposta seja apenas sim/não, as perguntas devem estimular discussões mais amplas, que possam levar a diferentes interpretações.

É possível também que o professor apresente algumas perguntas para que os estudantes formulem as respostas. Cabe ter cautela para que não se guie a interpretação dos integrantes dos grupos, entretanto essa estratégia pode apontar para relações transdisciplinares do texto literário. Cosson (2021) dispõe de 50 perguntas em torno de narrativas que podem gerar discussões entre os grupos. A seguir apresentamos cinco que podem ser interessantes tendo em vista os contos selecionados para a atividade:

“1. Qual o problema que a personagem x precisa enfrentar?”

“7. Se você fosse a personagem x, o que faria nessa situação?”

“8. Qual o efeito do fato x na história? O que vai mudar para as personagens?”

“10. Esse evento x lembra você de algum outro parecido?”

“15. O que você sentiu quando leu o trecho y ?” (Cosson, 2021)

Tendo em vista a proposta das “Perguntas e Respostas”, o professor pode elaborar algumas questões como forma de exemplificar o modelo, considerando o texto escolhido para a demonstração e modelagem da atividade que será desenvolvida com os contos selecionados. Dessa maneira, pode-se fazer os questionamentos à turma e, em seguida, o professor apresentará as suas próprias respostas.

Material 3 - Diário de leitura

O último material sugerido para orientar a discussão é o **Diário de Leitura**, que compreendemos ser mais proveitoso com estudantes que já demonstram maior desenvoltura em práticas de leitura literária. Isso porque ele exige a produção de textos individuais, que expressem reflexões, impressões e interpretações pessoais sobre o texto lido. Os registros produzidos por cada integrante servirão de base para a discussão coletiva no grupo. Segundo Cosson (2020, p. 122):

O diário de leitura é um registro das impressões do leitor durante a leitura do livro, podendo versar sobre dificuldades de compreensão de determinadas palavras ou trechos favoritos com observações, evocações de alguma vivência, relação com outros textos lidos, apreciações de recursos textuais, avaliação da ação das personagens, identificação de referências históricas e outros tantos recursos que constituem a leitura como um diálogo registrado entre leitor e texto. (Cosson 2020, p. 122)

Caso o professor opte por utilizar esse material como base para as discussões em grupo, sugerimos que, a partir do texto selecionado para a modelagem da atividade, ele elabore um exemplo de registro no formato de **Diário de Leitura**. Em seguida, compartilhe esse exemplo com os estudantes no sentido de orientar sua escrita, de modo que sirva como referência para a produção dos próprios registros pelos alunos. Deixamos no ANEXO III, um modelo que pode ser utilizado para a escrita dos diários de leitura.

1.6 Quarto Encontro: Definição dos Grupos por meio dos Contos Literários

Nesta etapa, propomos que o professor defina os grupos de estudantes que formarão os Círculos de Leitura. Indicamos que cada grupo tenha no máximo cinco pessoas e no mínimo três, priorizando formações de quatro integrantes. Como estratégia de formação dos grupos indicamos a seguintes etapas:

1. Inicialmente, o professor deve apresentar os cinco contos presentes neste e-Book. Para isso, pode utilizar as notas introdutórias que acompanham os textos. Entretanto, salientamos que as notas podem influenciar as interpretações dos estudantes, dessa maneira orientamos que seja feita uma avaliação por parte do docente sobre a pertinência de seu uso prévio à leitura dos textos literários. Se julgar mais interessante, o professor pode optar por apresentar os contos de forma mais neutra aos estudantes, por meio de uma apresentação oral de cada um em que se evite uma análise.
2. Após a apresentação e leitura dos cinco contos, o professor solicitará aos estudantes que os classifique em ordem de interesse pessoal. Ou seja, escrever primeiro os títulos que mais lhes chamaram atenção, seguidos pelos que menos lhes despertaram o interesse (Anexo IV- modelo de Ficha Classificatória)
3. A partir do preenchimento das fichas, o professor pode formar os grupos de acordo com as apreciações dos estudantes. Por exemplo, formará o grupo de todos os que colocaram em primeiro lugar o conto “O Sonhador”, os que colocaram na primeira posição “A Ama”, e por assim sucessivamente. Aconselhamos, para melhor fluidez da atividade, que sejam feitas adaptações necessárias para que os grupos tenham no máximo cinco e no mínimo três integrantes. Se o professor desejar fazer um rodízio dos textos, em que os alunos lerão mais de um conto, ou, caso haja continuidade do Círculo de Leituras, usando outros textos literários, sugerimos que não se conservem os mesmos grupos, que se faça uma mistura de seus integrantes. A mudança também pode ser feita com as demais colocações preenchidas na ficha classificatória.

Após a formação dos grupos, já com o conto literário designado para cada um, o professor deve relembrar a data prevista para a realização da discussão. Em seguida, recomenda-se que cada grupo eleja um representante, que ficará responsável por entregar o registro final da discussão, que será elaborado por ele, ou em conjunto com os colegas, como o grupo e/ou professor julgar melhor. Além disso, esse representante deve colaborar na organização interna do grupo, assumindo um papel de mediador.

No final desse encontro, é necessário que, além da escolha do representante do grupo, definam-se as funções de cada membro. Essa ação irá ocorrer se o professor optar por utilizar os Cartões de Função. Caso negativo, todos os integrantes devem realizar a mesma ação durante suas leituras individuais, seja a elaboração de '**Perguntas e Respostas**' ou então o preenchimento do '**Diário de Leitura**'. A escolha da trajetória da formação do Círculo de Leitura pode ser feita pelo professor, sob sua perspectiva ou também ser negociada com os estudantes.

Com as funções dos integrantes já definidas, o professor deverá distribuir os contos literários aos estudantes, seja em formato digital ou impresso. Além disso, é importante orientar cada aluno quanto ao cumprimento de sua função específica e à elaboração dos registros correspondentes, que deverão ser trazidos para a discussão entre os integrantes no encontro seguinte. É fundamental que tanto o professor, quanto os demais integrantes do grupo reforcem, com firmeza, a importância da pontualidade e da responsabilidade no cumprimento das tarefas, pois a leitura prévia e a realização dos registros são essenciais para que a discussão ocorra de forma produtiva e significativa.

Recomendamos, também, que a leitura dos contos literários e os registros pessoais sejam feitos de forma individual. De maneira que se priorize as reflexões subjetivas relativas à leitura do texto literário durante essa etapa. Dessa maneira, orientamos que a leitura seja feita em casa ou em ambiente escolar em ambiente que se possa conservar o silêncio e individualidade do discente. A etapa seguinte será o momento de discussão do texto literário em grupos, por meio das reflexões pessoais trazidas por meio dos 'Cartões de função', 'Perguntas e resposta' e/ou 'Diários de leitura'.

1.7 Quinto encontro: discussão e registro.

Este momento será reservado, principalmente, para a discussão das leituras, interpretações e reflexões realizadas previamente pelos integrantes dos grupos em relação ao texto literário destinado a cada um. Mas antes da conversa entre os estudantes, o professor deverá fazer/relembrar orientações para o desenvolvimento da prática. Algumas informações importantes podem ser destacadas como:

- O objetivo da prática é o compartilhamento e troca de reflexões entre os colegas sobre suas impressões e interpretações pessoais relativas ao texto literário. Sendo assim, é necessário que se respeite e procure compreender o posicionamento do colega em relação ao texto, lembramos que o objetivo não é chegar a conclusões únicas ou “corretas” sobre o conto.
- Caso se tenha definido Cartões de função entre os integrantes do grupo, cada um deve ler seus registros e discuti-los com os colegas. Os alunos devem evitar que a leitura dos cartões seja feita de maneira mecânica, como um mero cumprimento da tarefa, mas que seja ‘debatida’ ao ressaltar posicionamentos diversos sobre as reflexões trazidas. Indicamos que iniciem por meio da função do Sintetizador (caso tenha sido selecionada), e finalizem com a Registrador/Notário (indispensável em qualquer configuração do Círculo de Leitura, essa função pode ser feita de maneira individual ou coletiva)
- Se a opção foi a elaboração das ‘Perguntas e Respostas’ para o momento da discussão, orientamos que os estudantes leiam suas perguntas, esperem as respostas dos demais integrantes e só depois apresentem as suas, com o intuito de criar o debate por meio dos questionamentos elaborados. A leitura das perguntas pode ocorrer de maneira alternada, ou seja, um estudante lê uma pergunta, ocorre o debate sobre a questão, e, em seguida, outro estudante lê ‘uma’ pergunta e assim por diante. Ao se esgotarem as questões ou no momento final da aula, desenvolve-se o registro do encontro, ressaltando as perguntas e discussões feitas.
- Se o Diário de Leitura for adotado como ponto de partida para as discussões, os estudantes devem compartilhar suas anotações e reflexões, é necessário que se faça pausas ao final de cada leitura para que seja promovido o

diálogo entre o grupo. É fundamental que essa atividade não se limite ao cumprimento da tarefa ao se restringir a prática em simples leitura das anotações feitas no diário, mas que seja priorizado o compartilhamento de sentidos atribuídos ao texto literário. Também, nesse formato, é essencial que se faça o registro final do debate realizado.

- O registro final da discussão pode ser feito por um estudante incumbido da tarefa ou elaborado em conjunto pelo grupo, conforme mencionamos anteriormente. É importante que todos compreendam que o registro não deve se limitar à interpretação individual ou coletiva do texto literário, deve-se destacar os principais pontos debatidos ao longo do encontro, o registro deve ressaltar quem participou e como ocorreu o compartilhamento. Quando a responsabilidade for de apenas um integrante do grupo, é essencial que o conteúdo seja lido e discutido com os demais colegas, para que se realizem ajustes, e quando o documento for finalizado, é interessante que todos tenham sua própria cópia.
- Orientamos que sejam destinados cerca de 10 minutos para que o professor faça colocações pertinentes sobre a prática e exposição da ordem dos acontecimentos. Depois, 30 minutos para a discussão dos textos literários alicerçada nas leituras e anotações prévias feitas pelos estudantes. E por fim, 10 minutos para a construção do registro da discussão ocorrida.

Recomendamos que o professor acompanhe as discussões ao circular entre os grupos, que sua intervenção ocorra apenas quando necessário, com sugestões e observações que possam enriquecer o debate ou ao relembrar combinados e/ou orientações. É importante que se preserve ao máximo a autonomia dos estudantes durante as trocas, para que se desenvolva a independência do compartilhamento de leituras. Aconselhamos que o professor marque o tempo ao longo da atividade, com o propósito de auxiliar os grupos a manterem o foco nos objetivos do encontro.

1.8 Sexto Encontro: Releitura dos registros e preparação para a apresentação a toda turma

Neste momento, sugerimos que os grupos se reúnam novamente para reler os registros elaborados após a última discussão. Em seguida, escolham um modelo de apresentação e comecem a organizar como irão compartilhar com a turma a leitura do conto literário e as principais reflexões construídas coletivamente. Para que isso seja feito, o professor pode indicar algumas práticas de leitura literária, dentre elas salientamos três apontadas por Cosson (2014) como valorosas para o desenvolvimento do letramento literário:

- **A hora do conto**

Prática utilizada principalmente nos anos iniciais, mas que pode ser enriquecedora também em outras etapas da formação, consiste na leitura em voz do texto literário (Cosson, 2014). Ao longo da trajetória escolar, é possível perceber que determinadas práticas de leitura voltadas ao prazer de ler acabam sendo deixadas de lado. Em seu lugar, ganham destaque abordagens mais analíticas e técnicas, que nem sempre favorecem o cultivo do gosto pela leitura. Dessa maneira, consideramos que a “Hora do Conto” pode assumir um papel importante ao contribuir para também à valorização da fruição literária em etapas mais avançadas da escolarização. Apesar de ser uma prática em que, normalmente, o professor faz a leitura do texto literário, pode-se propor que os estudantes a façam. Dessa forma, espera-se que o grupo, de maneira organizada e expressiva, faça a leitura para a turma toda do conto lido e discutido anteriormente. Essa prática ajuda a tornar a leitura mais prazerosa, melhora a oralidade e também pode aumentar o interesse pelo texto literário que está sendo trabalhado.

- **A dramatização**

Classificada como uma prática de memorização por Cosson (2014), ela pode desempenhar um papel importante no desenvolvimento do letramento literário, ela estimula a afinidade com o texto literário lido. A dramatização ainda pode proporcionar diversos ganhos educativos, como aprimorar a concentração e autoexpressão, favorece a interação entre os participantes, a articulação com

diferentes linguagens artísticas, a interpretação do texto e sua transposição para uma experiência tridimensional (Cosson, 2014, p. 110). O professor pode propor ao grupo a dramatização completa ou parcial do conto literário, adaptando o texto original ou parte dele para o formato cênico.

- **A resenha**

A resenha faz parte das práticas de leitura classificadas como de comentário por Cosson (2014). Segundo o autor, é indispensável que essa prática apresente a descrição e apreciação da obra, além de ser de suma importância sua divulgação de maneira que o objetivo seja o compartilhamento da leitura do texto com outros leitores (Cosson, 2014 p. 124). Cosson (2014) apresenta, de forma sucinta, uma possível estrutura para a produção de uma resenha literária. Segundo o autor, o texto pode começar com a referência bibliográfica da obra, seguida pelos elementos de identificação, como o título e o nome dos resenhistas. A partir disso, inicia-se a resenha propriamente dita, com síntese do conteúdo da obra, seguida pela caracterização de aspectos gráficos e textuais, explicitação do provável público a que se destina, possíveis relações intertextuais e, por fim, a apreciação crítica da obra (Cosson, 2014). Orientamos que o grupo produza uma única resenha, a ser apresentada a toda turma e, caso possível, para a comunidade escolar, seja em jornais internos ou murais.

Além das três práticas de leitura mencionadas por Cosson (2014), que podem ser utilizadas como forma de apresentação do conto literário lido e debatido pelos grupos, sugerimos ao professor outra alternativa: a gravação de um vídeo com comentários ou uma resenha oral sobre o texto que pode dialogar com a prática adotada por *booktubers*.

- **Booktubers**

Os *booktubers* são criadores de conteúdos que circulam principalmente no *YouTube*, em seus canais, encontram-se resenhas, indicações de leitura, análises críticas, *tags* literárias e discussões sobre temas variados ligados à leitura literária. Como essa prática dialoga com um formato já familiar para muitos jovens que têm vivência relativa ao universo das redes sociais, ela pode ser atraente como proposta didática. Assim, caso o professor considere a proposta possível, ele pode

apresentar, como opção de compartilhamento do trabalho, a gravação de vídeos em que sejam registradas as leituras, reflexões e impressões sobre as obras literárias estudadas pelo grupo. Neste caso, sugerimos que o professor apresente, como modelo, algum vídeo neste formato, para que os estudantes possam se inspirar.

Sugerimos, então, que o professor apresente e explique rapidamente as práticas que podem ser utilizadas para apresentação do texto literário à turma toda, e que, em seguida, dê tempo aos alunos para se reunirem nos grupos, selecionarem um modo de apresentação e planejarem seu desenvolvimento. No momento da reunião dos grupos, o professor pode auxiliar os estudantes na escolha, tendo em vista o conto literário destinado ao grupo, observando seu tamanho, complexidade, estilo textual para que se eleja um modelo de apresentação adequado. Por exemplo, acreditamos que a prática da Hora do Conto para a apresentação do texto “Primeiro de Maio”, de Mário de Andrade, pode não ser a mais apropriada, tendo em vista que o texto é extenso, a leitura em voz alta pode ficar cansativa e/ou confusa.

Caso julgue pertinente e necessário, o professor pode reservar aulas adicionais para que os grupos ‘desenvolvam’ em sala suas apresentações tendo em vista seu planejamento e tempo disponível. De outro modo, pode-se solicitar que essa etapa seja realizada fora do horário regular de sua disciplina. Ressaltamos que, quando o professor acompanha de perto o processo de elaboração das apresentações, ele tem a oportunidade de oferecer orientações mais consistentes e significativas, nesse sentido pode aprimorar a apresentação final. No entanto, reconhecemos que essa possibilidade pode ser inviável em determinados contextos, especialmente devido às limitações impostas pelo calendário escolar. Portanto, deve ficar a critério do professor a escolha sobre utilizar o próximo encontro para a preparação ou para a apresentação final.

1.9 Sétimo encontro: exposição para toda a classe

Neste encontro, que pode levar apenas uma aula ou mais, a depender do formato das comunicações e do tamanho da turma, os estudantes farão as apresentações. Antes de dar início às exposições, sugerimos ao professor que solicite aos grupos para indicarem título e autoria do conto literário propulsor da

apresentação, assim como a identificação e justificativa de escolha da prática selecionada para a comunicação.

Após as apresentações dos grupos (sejam elas dramatizações, leituras expressivas, resenhas ou outros formatos), sugerimos que o professor solicite aos estudantes um momento de reflexão sobre todo o processo vivido até o final da prática. Neste momento, é importante que o grupo relate especialmente as discussões realizadas no *Quinto Encontro*, a fim de retomar as interpretações construídas coletivamente sobre o conto literário lido e também avaliar como ocorreu o compartilhamento da leitura entre seus integrantes. Acreditamos que este momento pode garantir que as percepções, debates e leituras críticas elaboradas não se percam nos formatos de apresentação, que, por vezes, podem deixar em segundo plano a riqueza das trocas interpretativas construídas pelo grupo.

Também sugerimos ao professor que entregue aos estudantes um formulário de Autoavaliação, apresentamos um modelo no Anexo V, que pode ser adaptado ou reformulado em decorrência das escolhas ou trajetórias da prática apresentada aqui. Além disso, o professor deve pedir ao estudante que traga o formulário para o oitavo encontro, caso opte por realizá-lo. Outros meios de avaliação são sugeridos em seção posterior.

1.10 Oitavo encontro: apresentação da autoavaliação e discussão das impressões dos estudantes

Neste encontro, sugerimos que os estudantes apresentem o formulário individual de autoavaliação. O professor pode organizar a turma em um círculo, e pedir para que os alunos leiam os formulários preenchidos, propondo discussão sobre suas impressões pessoais relativas à prática desenvolvida. O intuito é o de consolidar um modelo de avaliação individual, e também desenvolver melhorias para a continuação do Círculo de leitura.

1.11 A avaliação

Acreditamos que a avaliação das práticas de leitura literária são de extrema importância. Além disso, podem ocorrer de diversas maneiras e em diferentes momentos. Entretanto, também compreendemos que o professor deve ter um

cuidado específico com os momentos avaliativos, com o intuito de não ser central ou repressor, lembramos que um dos objetivos do Círculo de leitura é desenvolver o letramento literário e demonstrar que a leitura literária possui caráter subjetivo. Cosson (2021 p. 75) nos alerta que

Para realizar a avaliação do círculo de leitura o professor tem vários meios e objetos à sua disposição e um princípio que deve se colocar acima de todos: a efetivação da leitura literária. [...] a avaliação deve ser conduzida com o máximo de cuidado para que não se transforme ela mesma no objeto do processo de leitura. Se isso acontecer, há o risco de o círculo de leitura funcionar não para que os alunos compartilhem a leitura de uma obra por meio de uma discussão sistemática e organizada, mas, sim para cumprir determinadas tarefas cujos resultados serão traduzidos em pontos ou conceitos (grifo nosso).

Sendo assim, sugerimos que o professor acompanhe e avalie, sempre que possível em diálogo com os alunos, cada etapa do processo vivido ao longo da prática. Além da autoavaliação prevista ao final da proposta didática, recomenda-se que as avaliações intermediárias sejam breves e tenham como principal objetivo o aprimoramento das experiências de leitura literária e das formas de compartilhamento construídas coletivamente.

Como material documentado por meio de escrita, o professor pode avaliar o preenchimento/desenvolvimento individual dos Cartões de função, Diário de leitura ou as Perguntas e Respostas formuladas pelos estudantes de acordo com o material escolhido. No entanto, é importante atentar ao fato de que o volume de leitura para o professor pode ser grande a depender do número de estudantes da turma em que se desenvolveu a prática.

Por outro lado, ou de maneira complementar, pode-se avaliar o grupo por meio das etapas desenvolvidas durante a prática. Para facilitar e otimizar o processo avaliativo, podem ser criados formulários de avaliação para cada momento. Mas ressaltamos novamente, que a entrega e discussão da avaliação deve ser breve e pontual com o intuito de aprimorar a prática e envolvimento dos estudantes, e não como forma de repressão.

No anexo VI, apresentamos formulários para a avaliação de algumas etapas da proposta didática aqui apresentada. O professor perceberá que alguns documentos podem ser úteis para o aprimoramento da prática desenvolvida, assim como uma avaliação do desenvolvimento da própria proposta efetivada. Na próxima

seção, apresentamos a seleção de contos literários acompanhada com as notas introdutórias.

2 CONTOS E NOTAS INTRODUTÓRIAS

Nesta seção, apresentamos os cinco contos literários selecionados que compõem a antologia, e que também são indicados para a realização da proposta pedagógica descrita anteriormente. A escolha dos textos literários para se iniciar o Círculo de Leitura foi, primeiramente, baseada na temática do mundo do trabalho, pois acreditamos que a delimitação de um tema pode facilitar uma atividade interdisciplinar que envolva a metodologia dos Círculos. Dessa maneira, refletimos que os textos aqui presentes podem contribuir para a formação em outras disciplinas que não só a Língua Portuguesa e Literatura Brasileira.

Além disso, a escolha pelo gênero ‘Conto’ procura facilitar a leitura de todos os textos pelo professor antes que se inicie a proposta didática tendo em vista a brevidade desse gênero. A seleção procurou também apresentar narrativas que sejam ricas em reflexões sob diversos aspectos relativos ao mundo do trabalho, mas que também tivessem uma leitura acessível a diferentes níveis de leitores, pois sabemos da diversidade presente nas turmas escolares. Dessa forma, a seleção aqui presente busca facilitar e tornar mais dinâmica a compreensão do funcionamento de um Círculo de Leitura.

Precedem cada texto literário, duas notas introdutórias. As primeiras são escritas por nós, autores deste material, nelas se encontram breves biografias dos escritores além de apontamentos sobre cada conto, que justificam sua escolha e analisam a temática abordada relacionando-a ao campo do trabalho. As outras notas, são escritas por colaboradores. Essas possuem caráter diversos, que procuram trazer levantamentos mais profundos sobre os escritores literários e também sobre a narrativa em destaque, por vezes levantam questões e/ou apresentam interpretações sobre o conto. Queremos com as notas multiplicar perspectivas sobre os contos em destaque, mas não limitar sua interpretação, dessa maneira o professor deve avaliar cada uma e apresentá-las aos estudantes no momento que achar oportuno.

Dessa maneira, as notas introdutórias podem ser importantes para a apresentação dos contos antes da leitura individual, após a apreciação ou até mesmo depois da discussão coletiva entre os estudantes. Acreditamos que elas

podem incentivar reflexões profundas sobre o texto literário e seu autor ou até mesmo influenciar pesquisas que podem auxiliar no compartilhamento coletivo da leitura que se fará após a leitura. É interessante observar que quatro dos seis colaboradores que redigiram as notas não são profissionais da área de Literatura ou Língua Portuguesa, e utilizam o texto literário em suas atividades laborais, seja no campo da publicidade, do jornalismo, do direito, da história e da sociologia o que reafirma o caráter transdisciplinar do texto literário.

Enfim, desejamos que a leitura dos contos além de reflexiva seja emotiva e prazerosa, o que é fundamental para a prática do Círculos de Leitura. Dessa forma, selecionamos textos que provocam diversas reações e sensações estéticas, seja o riso, a comoção, a indignação, a tristeza, a identificação etc. Esperamos que estudantes e professores se envolvam e se enriqueçam com os contos selecionados e com as notas apresentadas.

2.1 Alex Vieira



Alexandre Vieira de Figueiredo nasceu em 1953, no Rio de Janeiro. É poeta, professor de Biologia e Educador Ambiental. Dedicou-se por 44 anos à docência em diversas instituições de ensino públicas e privadas. Embora carioca de nascimento, construiu grande parte de sua trajetória pessoal e profissional em Belo Horizonte. Atualmente, reside em Coqueiral, bairro de Aracruz (ES), onde se dedica à escrita literária e atua como voluntário na Biblioteca Livre de Coqueiral. Em parceria com Marcelo Kraiser é autor de *Paixão* e *Luna Nula*. Têm produção marcada por cunho social, político e biológico com influência marcante do concretismo.

O conto *Sonhador* foi escrito especialmente para compor esta antologia, narrativa poética e, por vezes, irônica, aborda de forma sensível o cotidiano e o imaginário de um trabalhador. Sua presença nesta antologia justifica-se tanto pela relação direta com a temática do mundo do trabalho quanto por sua estética de estilo ágil, lírico e belo. A leitura pode convidar à reflexão ao revelar, por meio de delicadeza e melancolia, como sonhos e os delírios podem se tornar refúgios únicos diante das frustrações do presente e da falta de perspectivas concretas para o futuro, crítica sutil às desigualdades sociais e à invisibilidade daqueles que contemporaneamente constroem o mundo material, mas raramente têm acesso pleno a ele. A seguir, apresentamos a nota introdutória desenvolvida por um grande amigo do autor, Sávio Cunha Grossi.

2.1.1 Nota introdutória - Domingos Sávio Cunha GROSSI

Alexandre Vieira de Figueiredo é poeta. Passou boa parte da vida estudando e ensinando biologia, ou seja, sabe da vida. Mas sempre, em primeiro lugar, poeta. Um pensador ativo, no sentido de que não apenas pensa, mas proclama e faz o que pensa. Agita, provoca, congrega, tenta fazer acontecer o que já está para acontecer, muitas vezes com a sensação de que o impossível pode mesmo não suceder no real daqui e de agora, quem sabe em outro tempo, outro lugar, nas esferas da poesia. Ou em sonho.

Ultimamente deu para contar uns contos, coisa rara, inédita pelo menos. O “Sonhador” deste conto reside numa pobre cabana, mas mora de verdade na luxuosa cabina de sua retroescavadeira, escavando desejos de futuro que nunca se cumprem, jamais acontecem porque o futuro costuma passar na frente e atropelar os sonhos, sepultar a fantasia entre cacos de entulhos e solavancos de culpa. Daí a desligar-se da vida é um pulo. Não que a felicidade fosse inalcançável para ele. Um sonhador sempre encontra um lugar onde consegue ser mais feliz.

Esse é o Alex Vieira que eu conheço. Mas desconfio de que seja muito mais do que isso.

2.1.1.1 Sonhador

Alex Vieira

Operava uma retroescavadeira. Seu prazer – na lida diária – entre instrumentos e alavancas de sua cabine, consistia no manejo de sonhos. Acionava a máquina e, removendo meticulosamente os entulhos e resíduos que inibiam seu delírio, punha-se a sonhar, tendo como preâmbulo um curto ensaio sobre a infalibilidade da morte. Até as estrelas morrem, justificava-se.

Habitava uma cabana de cacos de alvenaria, tapume e amianto no Morro do Pindura Saia, mas quando acionada a escavadeira, a pobre cabana se transformava em um baita casarão, como os das fazendas de Minas, com direito a baldrames sobre apoios para sustentação e uma varanda com extensa balaustrada. Solteiro

contraia matrimônio com uma linda garota da região metropolitana, próspera e não tanto emancipada (mais sensato não complicar e oferecer munição ao infortúnio). E os conhecidos? Quantas vezes acendeu um cigarro e matutou, julgando-se egoísta e pondo-se réu. Podia considerar-se culpado por não incluir o Alcir, o Severino e o Alexsandro em suas fantasias? E os da família? Dava pra esquecer a prima Atleticana, que saindo do chuveiro após a conquista do título nacional, sapecou-lhe um beijo com gosto de Palmolive?

Mas nem tudo são sonhos! Hesitava em trocar sua usada (mas quitada!) Shineray 50 cilindradas por uma Hilux SW4 Diamond, de fábrica. Era de praxe, no descanso após a boia, algum desconforto nas projeções: um apto em Guarapari? Reformar o Karmanguia do Dr. Garcia? Uma excursão, em ônibus fretado, ao Parque Temático Beto Carrero World?

Tanto sonhou no presente que o futuro passou. Numa madrugada, esticado sobre a novíssima laje de concreto armado de sua cabana, com um naco de lua iluminando boletos e faturas, desligou-se da vida. Era mais feliz em seu cockpit.



2.2**Lima Barreto**

Schwarcz (2011).

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro, em 1881, filho de um tipógrafo e de uma professora do ensino primário. Perdeu a mãe ainda na infância, aos sete anos. Atuou como servidor público na Secretaria da Guerra e, paralelamente, dedicou-se intensamente ao jornalismo, espaço onde expressava sua indignação diante das desigualdades sociais e do racismo que ele próprio enfrentava. Marcado por episódios de depressão, foi internado duas vezes no Hospício Nacional. Em 1918, sob o impacto da Revolução Russa, passou a colaborar com a imprensa simpatizante das ideias socialistas, chegando a publicar um manifesto no semanário *ABC*, em 11 de maio daquele ano. Faleceu em 1922. Figura central da literatura brasileira do início do século XX, conhecido por seu estilo irreverente, incompreendido em tempos passados, desenvolveu narrativas permeadas por críticas sociais de sua época, e que em alguns casos estão ainda presentes. Deixou obra significativa, entre seus escritos estão *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1911, em folhetins; 1915, em livro), *Numa e Ninfa* (1915), *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919), *Os Bruzundangas* (1923) e a coletânea *Bagatelas* (1923), (Bosi, 2017).

O Conto *O Homem que sabia Javanês* (Lima Barreto, 1911), foi selecionado para compor nossa antologia por motivos diversos. Primeiramente, observamos que seu texto é rico em reflexões críticas à sociedade burguesa, que em muitas ocasiões apresenta sua hipocrisia a superficialidade e em suas relações sociais,

principalmente, no meio do trabalho. A valorização das aparências, em um sistema social baseado em títulos, e o capital social muitas vezes é colocado à frente de conhecimentos reais para a definição de cargos profissionais por instituições e seus integrantes, o que pode ressaltar privilégios a determinados indivíduos em detrimento de outros. Mesmo que tenha sido publicado em 1911, consideramos que o texto expõe e critica uma realidade comum ao cenário brasileiro atual, o que torna sua leitura contemporânea. Também consideramos para a seleção, a sua escrita e leitura que pode ser extremamente divertida, tendo em vista seu estilo ágil e cômico, o que facilita seu acesso a diferentes tipos e níveis de leitores, dessa forma consideramos a estética literária para nossa escolha. A seguir, apresentamos a nota introdutória de Enéias Xavier, leitor e apreciador da literatura Brasileira e especialmente da obra de Lima Barreto.

2.2.1 Nota introdutória – Enéias Xavier GOMES

Aos oito anos de idade, Afonso Henrique de Lima Barreto ganhou seu primeiro livro, presenteado por sua professora Teresa Pimentel do Amaral:
-“Afonso, guarde esse livro como uma lembrança de quem se orgulha de ter desenvolvido um pouco tua grande inteligência da qual muito se espera nossa cara pátria”.

A professora foi cirúrgica em seu prenúncio. Desde aquele instante, o “mulato sem disfarce”, como gostava de se apresentar, nunca mais deixou a pena repousar, fazendo da literatura instrumento de testemunho e afirmação social.

Descendente de pessoas escravizadas, Lima Barreto experimentou, na própria pele, as múltiplas faces do preconceito — realidade que o levou a tratar, insistentemente, em sua obra, dos temas do racismo, da exclusão e da desigualdade social.

Hoje, em torno de seu nome, ecoam os incontáveis elogios que, em vida, lhe foram sistematicamente negados por uma sociedade branca, elitista e preconceituosa — uma sociedade cujos vícios, aliás, insistem em nos rondar, mais de um século após sua morte. Para compreender este Brasil, que ainda respira e reproduz preconceitos, é preciso lê-lo.

Por isso, a publicação desta antologia é também um gesto de denúncia. O conto “O Homem que Sabia Javanês”, publicado em 1911, na revista Careta, representa um de seus momentos mais emblemáticos. Ali, nada é gratuito — e o

leitor perceberá isso logo na escolha do idioma: javanês, uma língua absolutamente inútil no contexto proposto.

Tudo vai muito além da simples anedota de um farsante que transita pelos espaços do poder, da cultura e da burocracia. O conto nos obriga a refletir sobre conceitos tão em voga no presente, como meritocracia, honrarias, currículos inflados, vaidades acadêmicas e até os *influencers* contemporâneos.

Ao fim e ao cabo, percebemos que o protagonista, Castelo, é produto de um meio social que foi, que é... e que, talvez, teime em continuar sendo espaço de privilégios, exclusões e disfarces. Nós, leitores, também não somos poupados de sua verve irônica, pois, em alguma medida, somos cúmplices — conscientes ou não — de toda essa farsa.

Portanto, recomendo ao leitor que apanhe o queixo entre dois dedos e se entregue à leitura de forma reflexiva e mordaz, como a pena do próprio Lima Barreto.

2.2.1.1 O homem que sabia javanês

Lima Barreto

Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado às convicções e às respeitabilidades, para poder viver.

Houve mesmo, uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

O meu amigo ouvia-me calado, embevecido, gostando daquele meu Gil Blas vivido, até que, em uma pausa da conversa, ao esgotarmos os copos, observou a esmo:

- *Tens levado uma vida bem engraçada, Castelo !*
- *Só assim se pode viver... Isto de uma ocupação única: sair de casa a certas horas, voltar a outras, aborrece, não achas? Não sei como me tenho aguentado lá, no consulado !*

— Cansa-se; mas, não é disso que me admiro. O que me admira, é que tenhas corrido tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocrático.

- Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar belas páginas de vida. Imagina tu que eu já fui professor de javanês!
- Quando? Aqui, depois que voltaste do consulado?
- Não; antes. E, por sinal, fui nomeado cônsul por isso.
- Conta lá como foi. Bebes mais cerveja?
- Bebo.

Mandamos buscar mais outra garrafa, enchemos os copos, e continuei:

— *Eu tinha chegado havia pouco ao Rio estava literalmente na miséria. Vivia fugido de casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro, quando li no Jornal do Comércio o anuncio seguinte:*

"Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas, etc." Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me. Saí do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-me professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros desagradáveis com os "cadáveres". Insensivelmente dirigi-me à Biblioteca Nacional. Não sabia bem que livro iria pedir; mas, entrei, entreguei o chapéu ao porteiro, recebi a senha e subi. Na escada, acudiu-me pedir a Grande Encyclopédie, letra J, a fim de consultar o artigo relativo a Java e a língua javanesa. Dito e feito. Fiquei sabendo, ao fim de alguns minutos, que Java era uma grande ilha do arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o javanês, língua aglutinante do grupo maleo-polinésico, possuía uma literatura digna de nota e escrita em caracteres derivados do velho alfabeto hindu.

A Encyclopédie dava-me indicação de trabalhos sobre a tal língua malaia e não tive dúvidas em consultar um deles. Copiei o alfabeto, a sua pronúnciação figurada e saí. Andei pelas ruas, perambulando e mastigando letras. Na minha cabeça dançavam hieróglifos; de quando em quando consultava as minhas notas; entrava nos jardins e escrevia estes calungas na areia para guardá-los bem na memória e habituar a mão a escrevê-los.

À noite, quando pude entrar em casa sem ser visto, para evitar indiscretas perguntas do encarregado, ainda continuei no quarto a engolir o meu

"a-b-c" malaio, e, com tanto afínco levei o propósito que, de manhã, o sabia perfeitamente.

Convenci-me que aquela era a língua mais fácil do mundo e saí; mas não tão cedo que não me encontrasse com o encarregado dos aluguéis dos cômodos:

— Senhor Castelo, quando salda a sua conta?

Respondi-lhe então eu, com a mais encantadora esperança:

— Breve... Espere um pouco... Tenha paciência... Vou ser nomeado professor de javanês, e...

Por aí o homem interrompeu-me:

— Que diabo vem a ser isso, Senhor Castelo?

Gostei da diversão e ataquei o patriotismo do homem:

— É uma língua que se fala lá pelas bandas do Timor. Sabe onde é?

Oh! alma ingênua! O homem esqueceu-se da minha dívida e disse-me com aquele falar forte dos portugueses:

— Eu cá por mim, não sei bem; mas ouvi dizer que são umas terras que temos lá para os lados de Macau. E o senhor sabe isso, Senhor Castelo?

Animado com esta saída feliz que me deu o javanês, voltei a procurar o anúncio. Lá estava ele. Resolvi animosamente propor-me ao professorado do idioma oceânico. Redigi a resposta, passei pelo Jornal e lá deixei a carta. Em seguida, voltei à biblioteca e continuei os meus estudos de javanês. Não fiz grandes progressos nesse dia, não sei se por julgar o alfabeto javanês o único saber necessário a um professor de língua malaia ou se por ter me empenhado mais na bibliografia e história literária do idioma que ia ensinar.

Ao cabo de dois dias, recebia eu uma carta para ir falar ao doutor Manuel Feliciano Soares Albernaz, Barão de Jacuecanga, à Rua Conde de Bonfim, não me recordo bem que numero. E preciso não te esqueceres que entrementes continuei estudando o meu malaio, isto é, o tal javanês. Além do alfabeto, fiquei sabendo o nome de alguns autores, também perguntar e responder "como está o senhor?" - e duas ou três regras de gramática, lastrado todo esse saber com vinte palavras do léxico.

Não imaginas as grandes dificuldades com que lutei, para arranjar os quatrocentos réis da viagem! É mais fácil - podes ficar certo - aprender o javanês... Fui a pé. Cheguei suadíssimo; e, Com maternal carinho, as anosas

mangueiras, que se perfilavam em alameda diante da casa do titular, me receberam, me acolheram e me reconfortaram. Em toda a minha vida, foi o único momento em que cheguei a sentir a simpatia da natureza...

Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava mal tratada, mas não sei porque me veio pensar que nesse mau tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza. Devia haver anos que não era pintada.

As paredes descascavam e os beirais do telhado, daquelas telhas vidradas de outros tempos, estavam desguarnecidos aqui e ali, como dentaduras decadentes ou mal cuidadas.

Olhei um pouco o jardim e vi a pujança vingativa com que a tiririca e o carrapicho tinham expulsado os tinhorões e as begônias. Os crótons continuavam, porém, a viver com a sua folhagem de cores morticas. Bati. Custaram-me a abrir. Veio, por fim, um antigo preto africano, cujas barbas e cabelo de algodão davam à sua fisionomia uma aguda impressão de velhice, doçura e sofrimento.

Na sala, havia uma galeria de retratos: arrogantes senhores de barba em colar se perfilavam enquadrados em imensas molduras douradas, e doces perfis de senhoras, em bandós, com grandes leques, pareciam querer subir aos ares, enfundadas pelos redondos vestidos à balão; mas, daquelas velhas coisas, sobre as quais a poeira punha mais antiguidade e respeito, a que gostei mais de ver foi um belo jarrão de porcelana da China ou da Índia, como se diz. Aquela pureza da louça, a sua fragilidade, a ingenuidade do desenho e aquele seu fosco brilho de luar, diziam-me a mim que aquele objeto tinha sido feito por mãos de criança, a sonhar, para encanto dos olhos fatigados dos velhos desiludidos...

Esperei um instante o dono da casa. Tardou um pouco. Um tanto trôpego, com o lenço de alcobaça na mão, tomando veneravelmente o simonte de antanho, foi cheio de respeito que o vi chegar. Tive vontade de ir-me embora. Mesmo se não fosse ele o discípulo, era sempre um crime mistificar aquele ancião, cuja velhice trazia à tona do meu pensamento alguma coisa de augusto, de sagrado. Hesitei, mas fiquei.

- Eu sou, avancei, o professor de javanês, que o senhor disse precisar.
- Sente-se, respondeu-me o velho. O senhor é daqui, do Rio?
- Não, sou de Canavieiras.

— *Como? fez ele. Fale um pouco alto, que sou surdo, — Sou de Canavieiras, na Bahia, insisti eu. — Onde fez os seus estudos?*

— *Em São Salvador.*

— *Em onde aprendeu o javanês? indagou ele, com aquela teimosia peculiar aos velhos.*

Não contava com essa pergunta, mas imediatamente arquitetei uma mentira. Contei-lhe que meu pai era javanês. Tripulante de um navio mercante, viera ter à Bahia, estabelecera-se nas proximidades de Canavieiras como pescador, casara, prosperara e fora com ele que aprendi javanês.

— *E ele acreditou? E o físico? perguntou meu amigo, que até então me ouvira calado.*

— *Não sou, objetei, lá muito diferente de um javanês. Estes meus cabelos corridos, duros e grossos e a minha pele basané podem dar-me muito bem o aspecto de um mestiço de malaio... Tu sabes bem que, entre nós, há de tudo: índios, malaios, taitianos, malgaches, guanches, até godos. É uma comparsaria de raças e tipos de fazer inveja ao mundo inteiro.*

— *Bem, fez o meu amigo, continua.*

— *O velho, emendei eu, ouviu-me atentamente, considerou demoradamente o meu físico, pareceu que me julgava de fato filho de malaio e perguntou-me com doçura:*

— *Então está disposto a ensinar-me javanês?*

— *A resposta saiu-me sem querer: — Pois não.*

— *O senhor há de ficar admirado, aduziu o Barão de Jacuecanga, que eu, nesta idade, ainda queira aprender qualquer coisa, mas...*

— *Não tenho que admirar. Têm-se visto exemplos e exemplos muito fecundos... ?*

— *O que eu quero, meu caro senhor....*

— *Castelo, adiantei eu.*

— *O que eu quero, meu caro Senhor Castelo, é cumprir um juramento de família. Não sei se o senhor sabe que eu sou neto do Conselheiro Albernaz, aquele que acompanhou Pedro I, quando abdicou. Voltando de Londres, trouxe para aqui um livro em língua esquisita, a que tinha grande estimação. Fora um hindu ou siamês que lho dera, em Londres, em agradecimento a não sei que serviço prestado por meu avô. Ao morrer meu avô, chamou meu pai e lhe disse:*

"Filho, tenho este livro aqui, escrito em javanês. Disse-me quem mo deu que ele evita desgraças e traz felicidades para quem o tem. Eu não sei nada ao certo. Em todo o caso, guarda-o; mas, se queres que o fado que me deitou o sábio oriental se cumpra, faze com que meu filho o entenda, para que sempre a nossa raça seja feliz." Meu pai, continuou o velho barão, não acreditou muito na história; contudo, guardou o livro. Às portas da morte, ele mo deu e disse-me o que prometera ao pai. Em começo, pouco caso fiz da história do livro. Deitei-o a um canto e fabriquei minha vida. Cheguei até a esquecer-me dele; mas, de uns tempos a esta parte, tenho passado por tanto desgosto, tantas desgraças têm caído sobre a minha velhice que me lembrei do talismã da família. Tenho que o ler, que o compreender, se não quero que os meus últimos dias anunciem o desastre da minha posteridade; e, para entendê-lo, é claro, que preciso entender o javanês. Eis aí.

Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, sobrinhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.

Veio o livro. Era um velho calhamaço, um in-quarto antigo, encadernado em couro, impresso em grandes letras, em um papel amarelado e grosso. Faltava a folha do rosto e por isso não se podia ler a data da impressão. Tinha ainda umas páginas de prefácio, escritas em inglês, onde li que se tratava das histórias do príncipe Kulanga, escritor javanês de muito mérito.

Logo informei disso o velho barão que, não percebendo que eu tinha chegado aí pelo inglês, ficou tendo em alta consideração o meu saber malaio. Estive ainda folheando o cartapácio, à laia de quem sabe magistralmente aquela espécie de vasconço, até que afinal contratamos as condições de preço e de hora, comprometendo-me a fazer com que ele lesse o tal alfarrábio antes de um ano.

Dentro em pouco, dava a minha primeira lição, mas o velho não foi tão diligente quanto eu. Não conseguia aprender a distinguir e a escrever nem sequer quatro letras. Enfim, com metade do alfabeto levamos um mês e o Senhor Barão de Jacuecanga não ficou lá muito senhor da matéria: aprendia e desaprendia.

A filha e o genro (penso que até aí nada sabiam da história do livro) vieram a ter notícias do estudo do velho; não se incomodaram. Acharam graça e julgaram a coisa boa para distraí-lo.

Mas com o que tu vais ficar assombrado, meu caro Castro, é com a admiração que o genro ficou tendo pelo professor de javanês. Que coisa Única! Ele não se cansava de repetir: “É um assombro! Tão moço! Se eu soubesse isso, ah! onde estava!”

O marido de Dona Maria da Glória (assim se chamava a filha do barão), era desembargador, homem relacionado e poderoso; mas não se pejava em mostrar diante de todo o mundo a sua admiração pelo meu javanês. Por outro lado, o barão estava contentíssimo. Ao fim de dois meses, desistira da aprendizagem e pedira-me que lhe traduzisse, um dia sim outro não, um trecho do livro encantado. Bastava entendê-lo, disse-me ele; nada se opunha que outrem o traduzisse e ele ouvisse. Assim evitava a fadiga do estudo e cumpria o encargo.

Sabes bem que até hoje nada sei de javanês, mas compus umas histórias bem tolas e impingi-as ao velhote como sendo do crônicon. Como ele ouvia aquelas bobagens!...

Ficava extático, como se estivesse a ouvir palavras de um anjo. E eu crescia aos seus olhos!

Fez-me morar em sua casa, enchia-me de presentes, aumentava-me o ordenado. Passava, enfim, uma vida regalada.

Contribuiu muito para isso o fato de vir ele a receber uma herança de um seu parente esquecido que vivia em Portugal. O bom velho atribuiu a cousa ao meu javanês; e eu estive quase a crê-lo também.

Fui perdendo os remorsos; mas, em todo o caso, sempre tive medo que me aparecesse pela frente alguém que soubesse o tal patuá malaio. E esse meu temor foi grande, quando o doce barão me mandou com uma carta ao Visconde de Caruru, para que me fizesse entrar na diplomacia. Fiz-lhe todas as objeções: a minha fealdade, a falta de elegância, o meu aspecto tagalo. — "Qual!" retrucava ele. Vá, menino; você sabe javanês!" Fui. Mandou-me o visconde para a Secretaria dos Estrangeiros com diversas recomendações. Foi um sucesso.

O diretor chamou os chefes de seção: "Vejam só, um homem que sabe javanês — que portento!"

Os chefes de seção levaram-me aos oficiais e amanuenses e houve um destes que me olhou mais com ódio do que com inveja ou admiração. E todos diziam: "Então sabe javanês? É difícil? Não há quem o saiba aqui!"

O tal amanuense, que me olhou com ódio, acudiu então: "É verdade, mas eu sei canaque. O senhor sabe?" Disse-lhe que não e fui à presença do ministro.

A alta autoridade levantou-se, pôs as mãos às cadeiras, concertou o pince-nez no nariz e perguntou: "Então, sabe javanês?" Respondi-lhe que sim; e, à sua pergunta onde o tinha aprendido, contei-lhe a história do tal pai javanês. "Bem, disse-me o ministro, o senhor não deve ir para a diplomacia; o seu físico não se presta... O bom seria um consulado na Ásia ou Oceania. Por ora, não há vaga, mas vou fazer uma reforma e o senhor entrará. De hoje em diante, porém, fica adido ao meu ministério e quero que, para o ano, parta para Bale, onde vai representar o Brasil no Congresso de Lingüística. Estude, leia o Hovelacque, o Max Müller, e outros!"

Imagina tu que eu até aí nada sabia de javanês, mas estava empregado e iria representar o Brasil em um congresso de sábios.

O velho barão veio a morrer, passou o livro ao genro para que o fizesse chegar ao neto, quando tivesse a idade conveniente e fez-me uma deixa no testamento.

Pus-me com afã no estudo das línguas maleo-polinésicas; mas não havia meio!

Bem jantado, bem vestido, bem dormido, não tinha energia necessária para fazer entrar na cachola aquelas coisas esquisitas. Comprei livros, assinei revistas: Revue Anthropologique et Linguistique, Proceedings of the English-Oceanic Association, Archivo Glottologico Italiano, o diabo, mas nada! E a minha fama crescia. Na rua, os informados apontavam-me, dizendo aos outros: "Lá vai o sujeito que sabe javanês." Nas livrarias, os gramáticos consultavam-me sobre a colocação dos pronomes no tal jargão das ilhas de Sonda. Recebia cartas dos eruditos do interior, os jornais citavam o meu saber e recusei aceitar uma turma de alunos sequiosos de entenderem o tal javanês. A convite da redação, escrevi, no Jornal do Comércio um artigo de quatro colunas sobre a literatura javanesa antiga e moderna...

- *Como, se tu nada sabias?* interrompeu-me o atento Castro.
- *Muito simplesmente: primeiramente, descrevi a ilha de Java, com o auxílio de dicionários e umas poucas de geografias, e depois citei a mais não poder.*
- *E nunca duvidaram?* perguntou-me ainda o meu amigo.
- *Nunca. Isto é, uma vez quase fico perdido. A polícia prendeu um sujeito, um marujo, um tipo bronzeado que só falava uma língua esquisita. Chamaram diversos intérpretes, ninguém o entendia. Fui também chamado, com todos os respeitos que a minha sabedoria merecia, naturalmente. Demorei-me em ir, mas fui afinal. O homem já estava solto, graças à intervenção do cônsul holandês, a quem ele se fez compreender com meia dúzia de palavras holandesas. E o tal marujo era javanês — uf!*

Chegou, enfim, a época do congresso, e lá fui para a Europa. Que delícia! Assisti à inauguração e às sessões preparatórias. Inscreveram-me na seção do tupi-guarani e eu abalei para Paris. Antes, porém, fiz publicar no Mensageiro de Bale o meu retrato, notas biográficas e bibliográficas. Quando voltei, o presidente pediu-me desculpas por me ter dado aquela seção; não conhecia os meus trabalhos e julgara que, por ser eu americano brasileiro, me estava naturalmente indicada a seção do tupi-guarani. Aceitei as explicações e até hoje ainda não pude escrever as minhas obras sobre o javanês, para lhe mandar, conforme prometi.

Acabado o congresso, fiz publicar extratos do artigo do Mensageiro de Bale, em Berlim, em Turim e Paris, onde os leitores de minhas obras me ofereceram um banquete, presidido pelo Senador Gorot. Custou-me toda essa brincadeira, inclusive o banquete que me foi oferecido, cerca de dez mil francos, quase toda a herança do crédulo e bom Barão de Jacuecanga.

Não perdi meu tempo nem meu dinheiro. Passei a ser uma glória nacional e, ao saltar no cais Pharoux, recebi uma ovAÇÃO de todas as classes sociais e o presidente da república, dias depois, convidava-me para almoçar em sua companhia.

Dentro de seis meses fui despachado cônsul em Havana, onde estive seis anos e para onde voltarei, a fim de aperfeiçoar os meus estudos das línguas da Malaia, Melanésia e Polinésia.

- É fantástico, observou Castro, agarrando o copo de cerveja.
- Olha: se não fosse estar contente, sabes que ia ser?
- Que?

— *Bacteriologista eminent. Vamos?*

— *Vamos.*

(1911)



2.3 Maria Benedita Câmara Bormann (Délia)



Bormann, [19--].

Maria Benedita Câmara Bormann, pseudônimo Délia, nasceu em Porto Alegre em 1853 e viveu a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro, local onde faleceu em 1895. Sua família obtinha poder social e político, dessa forma, teve acesso a uma educação refinada, o que se reflete em sua produção literária permeada por referências a autores estrangeiros e passagens escritas em francês. Entre os anos de 1880 e 1895, publicou romances, contos e crônicas em jornais importantes do Rio de Janeiro, destacando-se como a primeira mulher a assinar uma coluna no jornal *O País* ao lado do escritor Coelho Neto (Pereira, 2021).

O conto *A Ama* (Bormann, 1884) selecionado para essa antologia, destaca-se pelo seu ritmo forte e estilo peculiar, que promove uma leitura ágil e imagética. Relacionamos o conto com a temática do trabalho sob duas perspectivas, primeiramente por Délia expor de forma sensível, crítica e forte a desumanização da mulher negra dentro das estruturas de trabalho escravo no Brasil, por meio da personagem que representa o sacrifício imposto cujo afeto materno foi explorado como força de trabalho. Em segundo lugar, compreendemos que a leitura do conto permanece atual, tendo em vista as marcas persistentes do racismo em nossa sociedade e a exploração do trabalho feminino, especialmente das mulheres negras, que ainda enfrentam a desigualdade, abandono e invisibilidade no campo profissional. A seguir, apresentamos a nota introdutória escrita por Pamela Raiol especialista em Estudos Literários e na escrita de Délia.

2.3.1 Nota introdutória - Pamela Raiol RODRIGUES

Maria Benedita Câmara Bormman nasceu em Porto Alegre, em 25 de novembro de 1853. Por volta dos dez anos, mudou-se com a família para a então capital do Império, o Rio de Janeiro. Mais tarde, passou a assinar seus textos com o “nome de pena” Délia. A escritora dedicou-se às letras desde muito cedo, começando a escrever aos quatorze anos. Entretanto, de acordo com estudiosos, como Blake (1900), estes primeiros trabalhos de escrita foram descartados porque, para ela, pareciam não ter mérito algum, tamanho era o seu critério e autocrítica.

Com imensa produtividade, Bormman colaborou com diversos jornais da época, como *O Sorriso*, *O Cruzeiro*, *Gazeta da Tarde*, entre outros. Além de ter publicado em livro os romances *Aurélia* (1883), *Uma vítima*, *Duas irmãs*, *Madalena* (1884), *Lésbia*, *A estátua de neve* (1890), *Celeste* (1893) e *Angelina* (1894). Alguns desses circularam antes em folhetins nos periódicos, prática comum no Oitocentos. Com esses dados, é possível observar que Bormann manteve grande ritmo de publicação, o que, para aquele momento histórico do mercado editorial, implicava grande aceitação dos leitores. Seu último romance, *Angelina*, foi publicado em 1894, um ano antes de seu falecimento, o que indica que ela escreveu até pouco antes de sua morte. Délia foi frequentemente elogiada nas notas dos jornais onde publicava. Ainda assim, apesar do reconhecimento em sua época, caiu no esquecimento por não figurar nas historiografias literárias, as quais trouxeram para o século atual poucos nomes que foram canonizados e quase nenhum nome de mulher. Délia faleceu precocemente no Rio de Janeiro em 23 de julho de 1895, deixando um legado literário significativo. Atualmente, alguns pesquisadores têm trabalhado no intuito de resgatar essas primeiras escritoras brasileiras em belos trabalhos, tais quais este que você tem em mãos, caro leitor.

Em textos do final do século XIX, temos o essencial registro sobre Délia no livro da intelectual oitocentista Ignez Sabino. No seu *Mulheres Illustres do Brazil* (Sabino, 1996), Sabino escreve a biografia de mulheres cujas memórias não deveriam ser apagadas pelo passar do tempo. A autora registra que Délia tinha uma beleza adorável e maneiras finíssimas de mulher de salão. Além de ser amante das artes, instruída, cantava com magnífica voz de meio soprano, tocava piano,

desenhava e conversava – tudo elegantemente –, pois possuía a alma culta (Sabino, 1996).

Poucas figuras femininas estão presentes no livro de Sabino: Délia é uma das onze mulheres que tiveram seus retratos estampados no volume. São preciosas as imagens da escritora que circulam atualmente e a raridade é tanta que existe até mesmo um sério equívoco envolvendo a escritora oitocentista Maria Firmina dos Reis, cuja face hoje infelizmente não tem registro oficial e, por algum tempo, utilizaram-se do rosto de Délia como sendo o de Firmina, o que pode ser lido como uma forma de apagar a imagem da escritora negra abolicionista, autora de *Úrsula* (1859).

Délia escreveu sobre personagens femininas que viveram desfechos românticos, com mortes cheias de drama, marcadas por religiosidade e por relações que beiravam o incesto. Porém, também criou personagens como Arabela/Lésbia, que foi uma escritora em pleno século XIX, mostrando um lado realista de sua produção. Ela transita pelos “estilos de época”, sabendo se valer do que era proveitoso para sua escrita. Uma escritora cuja obra merece ser redescoberta nos dias atuais.

O conto “A ama”, que você irá ler agora, narra a história de Joana, uma mãe que, na época da escravidão no Brasil, precisou dividir-se entre o amor por seu próprio filho e o filho do patrão – típico retrato da “mãe preta”, que renuncia ao cuidado com os seus para dedicar-se ao filho de quem detém o poder, como nos analisa Lélia González (2020). O trabalho, nesta narrativa, move a personagem, mas também a fragmenta, fazendo-a perder parte de si. Essa dor e complexidade, caro leitor, você poderá perceber ao longo da trama. Boa leitura.

2.3.1.1 A ama

Délia

Joana era uma crioula retinta, sadia, que trabalhava de enxada em uma fazenda próxima da Corte [o Rio de Janeiro].

Um dia, sentiu-se mãe: seus braços trêmulos cingiram docemente os flancos onde seu filho se agitava, e a negra pupila anuviou-se com lágrimas de enterneecimento.

Durante nove meses trabalhou conscientemente, sem vergar à fadiga desse estado mórbido e incomodativo.

Às vezes, sob o sol ardente, arrimava-se à enxada, limpava o suor e, a largos haustos, aspirava a viração impregnada do cheiro ativo do café.

Seu olhar esmorecido fitava o céu azul imaculado, e a ideia de beijar o filho lhe animava a face de ébano em suave expansão.

É tão singelo e tão profundo o sentir desses pobres seres rudes, votados ao trabalho e à dor!

Uma noite, ao entrar na senzala, deu à luz a um robusto negrinho, e santamente abraçou o filho de suas dores.

Um mês depois, o senhor recebeu carta de um amigo, rogando-lhe que lhe enviasse uma ama em boas condições para amamentar o ilustre descendente de seus vícios.

Joana foi escolhida para esse fim e obedeceu sem murmurar, fula, com o peito dilacerado pelo desespero e pela saudade.

Apertou febrilmente o filho ao coração, como se o quisesse sufocar, e suas lágrimas escaldaram a criança, que chorou, magoada pelo angustioso amplexo materno.

A infeliz o acalentou, deu-lhe o peito em feroz ansiedade, desejando que ele sugasse todo o leite e nada ficasse para o filho dos brancos.

Entorpecida pela dor, a mísera viu desaparecer as terras da fazenda em que nascera e onde deixava tudo quanto havia amado!

Na estação da estrada de ferro encontrou um criado de confiança, que a conduziu em carro até a elegante habitação de seu amo.

Ao appear-se, introduziram-na em perfumada alcova, onde repousava uma bonita e pálida criatura.

A um gesto da jovem, Joana, indiferente, aproximou-se do berço e mirou o que nele havia: era um menino franzino, mimoso, cheio de rendas.

Aquele sono tranquilo e aquele morno perfume de criança comoveram a negra, que evocou a imagem do filho a dormir na esteira.

Suas narinas tremeram, e o magnetismo do seu olhar materno despertou o inocente, que chorou de fome.

Instintivamente, ela o tomou ao colo e lhe deu o seio pesado e dolorido pelo excesso do leite.

.....

Em breve, com algum tratamento a moça pálida tornou a aparecer nas festas e nos passeios, e Joana, só, no silêncio dos grandes quartos, pôde considerar-se a verdadeira mãe do menino que amamentava.

Enquanto ele dormia, ela vagava pelo aposento, triste, lembrando-se do filho, da comadre a quem o entregara, dos trabalhos do campo, e sua voz monótona entoava as cantigas do eito em melancólica saudade.

Ao menor vagido do menino, acudia solícita, amante e carinhosa!

Essa criatura "bruta", com a qual ficavam os outros criados da casa, mostrava em seu maternal afeto a meiguice e o carinho de uma gentil castelã!

A tenra criancinha sossegava imediatamente ao brando movimento de seus braços fortes, amaciados pela ternura.

.....

No fim de alguns meses, o menino, gordinho, rosado, já sabia sorrir a Joana e lhe estendia os bracinhos roliços, falando-lhe na sua adorável balbúcie.

.....

Um dia o menino amanheceu rabugento, com as gengivas inflamadas, e começou o cruel trabalho da dentição.

Joana passava as noites acordada, acalentando o inocente que não podia mamar porque magoava a gengiva.

A preta lhe espremia o peito na boca, com paciência, a fim de que ele se alimentasse sem sofrer.

Dia a dia, a criança emagrecia, e Joana chorava vendo a palidez do menino que lhe fitava os grandes olhos tristes, como que apavorado pela aproximação da morte.

A infeliz, como um cão fiel, sentada junto ao berço, seguia ansiosa aquela destruição lenta, e, batendo no peito, amaldiçoava o próprio leite, que não podia reanimar a criança.

Pouco e pouco, o menino扇ou-se [murchou] e tomou a rigidez do mármore. Joana chorou, rolando pelo chão em convulsivo pranto.

Depois lavou a criança, vestiu-lhe a roupa mais rica, depositou-o no caixãozinho cheio de flores e fitas, e sentou-se no chão a seu lado, como costumava ficar enquanto ele dormia.

Triste, abatida, vencida pelo cansaço, cerrava um pouco as pálpebras em passageira sonolência e maquinalmente acalentava o menino, cantarolando para adormecê-lo.

Oferecia pungente espetáculo aquele pesar sincero, despido de afetação, seguindo o impulso da ternura e do hábito!

De repente, abria os olhos e chorava, mirando a imobilidade daquele rostinho lívido, de lábios arroxeados.

No dia seguinte, os pais do menino despediram-na, deram-lhe algum dinheiro, como se o devotamento fosse pagável, e deixaram-na voltar ao trabalho e à fadiga.

Se a criança não morresse e crescesse forte e sadia, a recompensa seria a mesma: não a libertariam porque a libertação custa dinheiro e o que havia em casa era pouco para ridículas ostentações!

.....

Aturdida ainda pelo fatal acontecimento da véspera, Joana deixou aquele teto, onde nada mais a prendia, e entrou no vagão.

O tempo estava sombrio, chuvoso, as estradas lamacentas, as árvores gotejantes, os rios cheios, o horizonte nebuloso, a temperatura fria.

Ela metia a cabeça pela portinhola, e aquela vastidão brumosa, glacial, enlutada, causava-lhe estranha sensação de pavor.

Sua poética e rude imaginação, cheia de superstições, apavorava-se com aquela chegada, sem sol, sem lua, em que a esperança temia aparecer.

Só uma ideia lhe martelava o cérebro — ver o filho, mas aquele mau tempo a entristecia, provocando-lhe vago receio.

Por que seu coração pulsava fracamente, à medida que se aproximava da casa?

Acaso o filho estaria doente?

Com que prazer lhe daria o peito ainda cheio de leite, de que o haviam privado!

Como se chamaria ele?

Estaria gordo ou magro?

Gostaria muito da comadre, a quem o confiara?

Essa ideia feriu-a com o dardo do ciúme!

.....

Avistou afinal as terras da fazenda, e a emoção apertou-lhe a garganta: apenas pôde rir guturalmente e bater palmas, devorando com ardente olhar as plantações inundadas pela chuva.

Entrou em casa e foi conduzida à presença do senhor, que não lhe disse uma boa palavra nem a recompensou pelo seu bom procedimento na cidade.

Lépida, quase a correr, alcançou a senzala e avidamente procurou o filho: viu somente a comadre.

Alucinada, perguntou pela criança e soube que morrera um ano depois da sua partida.

Caiu a fio comprido [ao comprido], com a face na terra, soluçando, sem derramar lágrimas, sacudida por medonho estertor, sem ouvir a narração da parceira que lhe contava a agonia do filho.

Assim, de bruços, passou a noite inteira, ora soluçando de modo lúgubre, ora em aflitiva modorra.

Pranteava conjuntamente o filho de suas entradas o o menino que lhe sugara o seio, amenizando-lhe a saudade que sentia do ausente.

Seu cérebro dorido, em mortal fadiga, evocava sucessivamente duas crianças, uma preta, outra branca, ambas frias, rijas, de olhos fechados e imóveis.

Afinal, pela madrugada, as duas visões fundiram-se em uma só, e o filho de criação, que ela contemplara mais tempo, sintetizou em si a dor que a pungia, e nele chorou a sua triste maternidade!

.....

Pouco depois, no clarear do dia, foi despertada pelo feitor e voltou à roça, ao trabalho, ao cansaço, tendo na alma as trevas do Averno [antiga cratera italiana, considerada a entrada para o submundo] e a inconsciência da loucura!

Caminhou maquinalmente e começou a tarefa, sem ver o que fazia, atormentada por cruéis miragens onde perpassavam crianças mortas.

Aos lábios lhe subia um sopro ardente saído das entradas, e que dizia:

— Filho! Filho! Filho!

.....

O sol surgiu radiante, inundando os campos de luz e calor, ostentando o verdor das árvores retemperadas pela chuva.

As flores viçosas, orvalhadas por diamantinas gotas, exalavam perfumes, e os bem-te-vis esvoaçavam na coma das mangueiras.

No meio das enrediças [plantas trepadeiras], enormes aranhas reparavam a teia avariada pelas chuvas, onde as brancas borboletas batiam as asas, palpitantes, debatendo-se no rendilhado fio que lhes fora traiçoeira armadilha.

Os insetos zumbiam, famintos, embriagados pelo calor e pelo doce néctar das flores apetitosas.

A natureza sorria, trajava galas, entoava um hino de amor, e a vida despontava por toda parte.

Só, morta, no meio de tanta seiva, Joana largou a enxada, vencida pelo desgosto e pela dor dos túmidos seios a vazarem leite.

Caminhou como /um/ espectro, sem receio de cobras, sem calcular que abandonara o serviço, seguindo para as proximidades do Paraíba, que passava dali a um quarto de léguas.

Andou e avistou o rio, cheio, rolando suas águas; estugou [apressou] o passo e ajoelhou-se na ribanceira.

Seu olhar desvairado mirava o fervilhar da água em uma espécie de sorvedouro que lhe ficava aos pés, e os lábios murmuravam uns cantos suaves.

Afigurou-se-lhe ver o filho naquele marulho; sorriu, tirou os seios para fora da camisa e, do alto, espremia o leite, que resvalava pelas pedras e toldava as águas. Sorria à medida que os peitos murchavam, julgando amamentar a criança.

Sublime alucinação materna!

.....

Outrora, no Canadá, as mães desoladas, com os olhos erguidos para o céu, também se aproximavam lentamente do pequenino mausoléu e, suspirando o nome do adorado filho, espremiam sobre seu túmulo o leite que os deveria [deveria] nutrir!

A chorosa india [indígena] vê os ventos balouçarem a aérea tumba de seu filho morto: no dia em que a criança adormece no último sono, ela se inclina sobre sua boca e espera o seu despertar.

Quando o sol doura três vezes a nuvem, tece-lhe um leito de flores e folhagem, prende-o ao ramo flexível, balança-o de leve e não percebe que embala um túmulo!

.....

Joana erguera-se e, subitamente, lembrou-se de tudo: soltou medonho grito e disse, precipitando-se no sorvedouro:

— Filho! Filho!

*Desapareceu, e dias depois descobriram o vestígio de seus pés na ribanceira
e compreenderam que havia se suicidado.*

*Nenhuma lágrima, nenhuma prece pela pobre mãe cativa, que se libertara da
vida e fora procurar o filho no seio da morte!*

(1884)



2.4 Mário de Andrade



Vosylius [193-].

Mário Raul de Moraes Andrade nasceu em São Paulo, em 1893, e se tornou uma das figuras mais marcantes da literatura brasileira. Além de escritor, formou-se em piano e dedicou-se à docência de História da Música, ofício que conciliou com sua grande produção literária e escrita. Foi um dos principais articuladores da Semana de Arte Moderna de 1922 e colaborador ativo de publicações como *Klaxon* e *Terra Roxa* e *Outras Terras*, que difundiam concepções modernistas. Sua trajetória revela uma constante dedicação às artes, e, principalmente, à cultura popular brasileira, expressa tanto em sua enorme produção literária quanto em suas ações como gestor público, notadamente à frente do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo. Também lecionou Estética e colaborou com instituições voltadas à preservação do patrimônio histórico. Faleceu precocemente em 1945, deixando um legado intelectual diverso, que inclui romances, poemas, ensaios, crônicas e uma valiosa correspondência com nomes centrais da literatura brasileira como: *Pauliceia Desvairada*, 1922; *A Escrava que não é Isaura*, 1925; *Primeiro Andar*, 1926; *Amar, Verbo Intransitivo, idílio* [romance], 1927; *Clã do Jabuti*, poesia, 1927; *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, rapsódia*, 1928 (Bosi, 2017).

O Conto Primeiro de Maio (Andrade, 1983), publicado postumamente, na coletânea "Contos Novos", em 1947, foi selecionado para compor esta antologia principalmente por sua centralidade temática do trabalho. Apesar de fazer referência e crítica à condição de trabalho durante o Estado Novo, acreditamos que sua leitura também é contemporânea e relevante, ao expor sentimentos, por vezes

contraditórios, do trabalhador brasileiro, que ao mesmo tempo se orgulha e se indigna diante de sua posição social. Talvez a escrita mais complexa dentre os demais contos elegidos para compor nosso trabalho, sua leitura demanda bastante atenção e investigação, seu estilo combina uma linguagem coloquial, próxima da oralidade popular, com passagens de sensibilidade poética o que cria um tom oscilante entre o grotesco e o comovente. A presença massiva da polícia, a falta de um nome para o personagem central, dentre outros símbolos podem promover reflexões e leituras diversas. Em seguida, apresentamos a nota elaborada pelo especialista em Literatura Brasileira, além de escritor, Christian Coelho.

2.4.1 Nota introdutória - Christian COELHO

Primeiro de Maio, primeiro de Mário

Meus caros leitores, trabalhadores ou aspirantes, vocês têm que conhecer e ler o escritor Mário de Andrade. A obra desse artista multifacetado – poeta, contista, romancista, crítico de arte, fotógrafo, musicólogo e pesquisador do folclore – é essencial para a compreensão da realidade brasileira.

Mário foi um dos líderes do Modernismo Paulista, movimento que teve como marco inicial a Semana de Arte Moderna (1922), e que buscou renovar a arte brasileira a partir do diálogo com as vanguardas europeias e a busca de aspectos definidores de uma identidade nacional, valorizando as manifestações artísticas e culturais do Brasil.

Um dos fatos centrais do período é a publicação do seu livro “Paulicéia desvairada”. Usando recursos expressivos como o verso livre, as associações de imagens, a simultaneidade e a linguagem coloquial, o texto busca romper com as estruturas do passado, tendo como musa ou objeto a própria cidade de São Paulo, como expressado já no primeiro verso do poema “Inspiração”: “São Paulo! comoção de minha vida...”.

Outro fato marcante é a publicação do livro “Macunaíma, o herói sem nenhum caráter”, talvez a obra principal de Mário. A partir desse anti-herói, o autor enfoca o choque entre os povos que marcarão o processo de formação do país, com a presença de elementos culturais indígenas, afrobrasileiros e europeus. Note-se que o caráter do título não se refere necessariamente a um aspecto moral, mas a

uma indefinição, uma busca de um reconhecimento de si, de uma nacionalidade possível.

O autor também escreveu muitos contos. Entre eles, esse notável “Primeiro de maio”, que agora vocês têm em mãos. Em uma obra marcada pela crítica social, nada melhor do que uma data como o primeiro de maio, talvez a única efeméride realmente universal: o dia do trabalho, ou, mais corretamente, o Dia do Trabalhador como temática. A reflexão sobre o Trabalho; a intervenção na natureza, a organização do mundo, a produção e reprodução da vida. E a possibilidade de comemoração e, mais ainda, de mobilização por melhores condições de trabalho e de vida. No conto, temos o personagem 35 – vejam só, o homem sem nome, tornado número, transformado em *coisa* – e o seu desejo e esforço para comemorar o Primeiro de Maio. A preparação e a expectativa para o “grande dia”; e a possibilidade de, mesmo que momentaneamente, “ficar bem digno de existir”, como referido no início da narrativa.

O personagem é carregador de trem; marcado pela força, pelo corpo – de novo, o *homem-coisa*. Mas o corpo resiste e o homem é mais que força: ele matuta, lê o contexto e lê os jornais; mesmo que de maneira difusa, ele sabe da opressão de classe e deseja encontrar outros companheiros, manifestar e enfrentar a polícia. Mas há um excesso de informações e de policiais nas ruas de São Paulo – a grande Paulicéia urbana e industrial, efervescente e contraditória, metáfora de um país em transformação.

O mundo do trabalho e a alienação: diante do cotidiano automatizado, 35 chega a confundir os caminhos possíveis da manifestação e o itinerário do trabalho; mais que isso, sente-se estranho em outras partes da cidade; o local e o próprio trabalho tornam-se uma espécie de prisão, da qual o personagem tenta escapar, pelo menos no “dia dele...”. Mas o escape-celebração não se realiza. O trabalhador, em conflito, enfrenta forças poderosas: a proibição e a repressão policial, a repressão moral, os burocratas, os patrões etc.

Vejam que os conflitos do personagem – sempre entre a revolta e a apatia – são expressos não apenas na temática, mas também na forma do texto: o traço coloquial, a fala popular, as ideias confusas, as oscilações de humor; a raiva prestes a explodir, mas que não se irrompe; o “alvoroço por dentro”. Os afetos contraditórios de 35 refletem, em alguma medida, as perturbações da classe trabalhadora em

geral: a vida precária e a tensão entre o desejo e a impossibilidade de agir; o “desabalar neblinoso de ilusões, de entusiasmo e uns raios fortes de remorso.”

Como nos outros textos citados, temos também a busca de uma identidade. Um trabalhador que procura uma manifestação; que busca também a si mesmo – o reconhecimento de um *eu* diante do trabalho precário e da multidão; e que, ao mesmo tempo, querendo comemorar e manifestar, busca o *outro* – o coletivo e sua condição de classe. Ainda, um país em busca de si, diante do histórico colonial e das contradições da modernidade.

Por isso, meus caros leitores, trabalhadores ou aspirantes, eu digo novamente: vocês têm que conhecer e ler Mário de Andrade – um exímio operário da palavra. Sua obra é essencial para compreender o Brasil.

2.4.1.1 Primeiro de maio

Mário de Andrade

No grande dia Primeiro de Maio, não eram bem seis horas e já o 35 pulara da cama, afobado. Estava bem disposto, até alegre, ele bem afirmara aos companheiros da Estação da Luz que queria celebrar e havia de celebrar. Os outros carregadores mais idosos meio que tinham caçoado do bobo, viesse trabalhar que era melhor, trabalho deles não tinha feriado. Mas o 35 retrucava com altivez que não carregava mala de ninguém, havia de celebrar o dia deles. E agora tinha o grande dia pela frente.

Dia dele... Primeiro quis tomar um banho pra ficar bem digno de existir. A água estava gelada, ridente, celebrando, e abrira um sol enorme e frio lá fora. Depois fez a barba. Barba era aquela penuginha meio loura, mas foi assim mesmo buscar a navalha dos sábados, herdada do pai, e se barbeou. Foi se barbeando. Nu só da cintura pra cima por causa da mamãe por ali, de vez em quando a distância mais aberta do espelhinho refletia os músculos violentos dele, desenvolvidos desarmoniosamente nos braços, na peitaria, no cangote, pelo esforço quotidiano de carregar peso. O 35 tinha um ar glorioso e estúpido. Porém ele se agradava daqueles músculos intempestivos, fazendo a barba.

Ia devagar porque estava matutando. Era a esperança dum turumbamba macota, em que ele desse uns socos formidáveis nas fuças dos polícias. Não teria

raiva especial dos polícias, era apenas a ressonância vaga daquele dia. Com seus vinte anos fáceis, o 35 sabia, mais da leitura dos jornais que de experiência, que o proletariado era uma classe oprimida. E os jornais tinham anunciado que se esperava grandes “motins” do Primeiro de Maio, em Paris, em Cuba, no Chile, em Madri.

O 35 apressou a navalha de puro amor. Era em Madri, no Chile que ele não tinha bem lembrança se ficava na América mesmo, era a gente dele.. Uma piedade, um beijo lhe saía do corpo todo, feito proteção sadia de macho, ia parar em terras não sabidas, mas era a gente dele, defender, combater, vencer... Comunismo? ... Sim, talvez fosse isso. Mas o 35 não sabia bem direito, ficava atordoado com as notícias, os jornais falavam tanta coisa, faziam tamanha mistura de Rússia, só sublime ou só horrível, e o 35 infantil estava por demais machucado pela experiência pra não desconfiar, o 35 desconfiava. Preferia o turumbamba porque não tinha medo de ninguém, nem do Carnera, ah, um soco bem nas fuças dum polícia... A navalha apressou o passo outra vez. Mas de repente o 35 não imaginou mais em nada por causa daquele bigodinho de cinema que era a melhor preciosidade de todo o seu ser. Lembrou aquela moça do apartamento, é verdade, nunca mais tinha passado lá pra ver se ela queria outra vez, safada! Riu.

Afinal o 35 saiu, estava lindo. Com a roupa preta de luxo, um nó errado na gravata verde com listinhas brancas e aqueles admiráveis sapatos de pelica amarela que não pudera sem comprar. O verde da gravata, o amarelo dos sapatos, bandeira brasileira, tempos de grupo escolar... E o 35 comoveu num hausto forte, querendo bem o seu imenso Brasil, imenso colosso gigante, foi andando depressa, assobiando. Mas parou de sopetão e se orientou assustado. O caminho não era aquele, aquele era o caminho do trabalho.

Uma indecisão indiscreta o tornou consciente de novo que era o Primeiro de Maio, ele estava celebrando e não tinha o que fazer. Bom, primeiro decidiu ir na cidade pra assuntar alguma coisa. Mas podia seguir por aquela direção mesmo, era uma volta, mas assim passava na Estação da Luz dar um bom-dia festivo aos companheiros trabalhadores. Chegou lá, gesticulou o bom-dia festivo, mas não gostou porque os outros riram dele, bestas. Só que em seguida não encontrou nada na cidade, tudo fechado por causa do grande dia Primeiro de Maio. Pouca gente na rua. Deviam de estar almoçando já, pra chegar cedo no maravilhoso jogo de futebol escolhido pra celebrar o grande dia. Tinha mas era muito polícia, polícia em

qualquer esquina, em qualquer porta cerrada de bar e de café, nas joalherias, quem pensava em roubar! nos bancos, nas casas de loteria. O 35 teve raiva dos polícias outra vez.

E como não encontrasse mesmo um conhecido, comprou o jornal pra saber. Lembrou de entrar num café, tomar por certo uma média, lendo. Mas a maioria dos cafés estavam de porta cerrada e o 35 mesmo achou que era preferível economizar dinheiro por enquanto, porque ninguém não sabia o que estava pra suceder. O mais prático era um banco de jardim, com aquele sol maravilhoso. Nuvens? umas nuvenzinhas brancas, ondulando no ar feliz. Insensivelmente o 35 foi se encaminhando de novo para os lados do Jardim da Luz. Eram os lados que ele conhecia, os lados em que trabalhava e se entendia mais. De repente lembrou que ali mesmo na cidade tinha banco mais perto, nos jardins do Anhangabaú. Mas o Jardim da Luz ele entendia mais. Imaginou que a preferência vinha do Jardim da Luz ser mais bonito, estava celebrando. E continuou no passo em férias.

Ao atravessar a estação achou de novo a companheirada trabalhando. Aquilo deu um mal-estar fundo nele, espécie não sabia bem, de arrependimento, talvez irritação dos companheiros, não sabia. Nem quereria nunca decidir o que estava sentindo já... Mas disfarçou bem, passando sem parar, se dando por afobado, virando pra trás com o braço ameaçador, “Vocês vão ver!...” Mas um riso aqui, outro riso acolá, uma frase longe, os carregadores companheiros, era tão amigo deles, estavam caçoando. O 35 se sentiu bobo, impossível recusar, envilecido. Odiou os camaradas.

Andou mais depressa, entrou no jardim em frente, o primeiro banco era a salvação, sentou-se. Mas dali algum companheiro podia divisar ele e caçoar mais, teve raiva. Foi lá no fundo do jardim campear banco escondido. Já passavam negras disponíveis por ali. E o 35 teve uma idéia muito não pensada, recusada, de que ele também estava uma espécie de negra disponível, assim. Mas não estava não, estava celebrando, não podia nunca acreditar que estivesse disponível e não acreditou. Abriu o jornal. Havia logo um artigo muito bonito, bem pequeno, falando na nobreza do trabalho, nos operários que eram também os “operários da nação”, é isso mesmo. O 35 se orgulhou todo comovido. Se pedissem pra ele matar, ele matava roubava, trabalhava grátis, tomado dum sublime desejo de fraternidade, todos os seres juntos, todos bons... Depois vinham as notícias. Se esperavam “grandes motins” em Paris, deu uma raiva tal no 35. E ele ficou todo fremente,

quase sem respirar, desejando “motins” (devia ser turumbamba) na sua desmesurada força física, ah, as fuças de algum... polícia? polícia. Pelo menos os safados dos polícias.

Pois estava escrito em cima do jornal: em São Paulo a Polícia proibira comícios na rua e passeatas, embora se falasse vagamente em motins de-tarde no Largo da Sé. Mas a polícia já tomara todas as providências, até metralhadoras, estavam em cima do jornal, nos arranha-céus, escondidas, o 35 sentiu um frio. O sol brilhante queimava, banco na sombra? Mas não tinha, que a Prefeitura, pra evitar safadez dos namorados, punha os bancos só bem no sol. E ainda por cima era aquela imensidão de guardas e polícias vigiando que nem bem a gente punha a mão no pescocinho dela, trilo. Mas a Polícia permitiria a grande reunião proletária, com discurso do ilustre Secretário do Trabalho, no magnífico pátio interno do Palácio das Indústrias, lugar fechado! A sensação foi claramente péssima. Não era medo, mas por que que a gente havia de ficar encurrulado assim! é! É pra eles depois poderem cair em cima da gente, (palavrão)! Não vou! não sou besta! Quer dizer: vou sim! desaforo! (palavrão), socos, uma visão tumultuária, rolando no chão, se machucava mas não fazia mal, saíam todos enfurecidos do Palácio das indústrias, pegavam fogo no Palácio das Indústrias, não! a indústria é a gente, “operários da nação”, pegavam fogo na igreja de São Bento mais próxima que era tão linda por “drento”, mas pra que pegar fogo em nada! (O 35 chegara até a primeira comunhão em menino...), é melhor a gente não pegar fogo em nada; vamos no Palácio do Governo, exigimos tudo do Governo, vamos com o general da Região Militar, deve ser gaúcho, gaúcho só dá é farda, pegamos fogo no palácio dele. Pronto. Isso o 35 consentiu, não porque o tingisse o menor separatismo (e o aprendido no grupo escolar?) mas nutria sempre uma espécie de despeito por São Paulo ter perdido na revolução de 32. Sensação aliás quase de esporte, questão de Palestra-Coríntians, cabeça inchada, porque não vê que ele havia de se matar por causa de uma besta de revolução diz-que democrática, vão “eles”!... Se fosse o Primeiro de Maio, pelos menos... O 35 percebeu que se regava todo por “drento” dum espírito generoso de sacrifício. Estava outra vez enormemente piedoso, morreria sorrindo, morrer... Teve uma nítida, envergonhada sensação de pena. Morrer assim tão lindo, tão moço. A moça do apartamento...

Salvou-se lendo com pressa, ôh! os deputados trabalhistas chegavam agora às nove horas, e o jornal convidavam (sic) o povo pra ir na Estação do Norte (a

estação rival, desapontou) pra receber os grandes homens. Se levantou mandado, procurou o relógio da torre da Estação da Luz, ora! não dava mais tempo! quem sabe se dá!

Foi correndo, estava celebrando, raspou distraído o sapato lindo na beira de tijolo do canteiro (palavrão), parou botando um pouco de guspe no raspão, depois engraxo, tomou o bonde pra cidade, mas dando uma voltinha pra não passar pelos companheiros da Estação. Que alvoroço por dentro, ainda havia de aplaudir os homens. Tomou o outro bonde pro Brás. Não dava mais tempo, ele percebia, eram quase nove horas quando chegou na cidade, ao passar pelo Palácio das Indústrias, o relógio da torre indicava nove e dez, mas o trem da Central sempre atrasa, quem sabe? bom: às quatorze horas venho aqui, não perco, mas devo ir, são nossos deputados no tal de congresso, devo ir. Os jornais não falavam nada dos trabalhistas, só falavam dum que insultava muito a religião e exigia divórcio, o divórcio o 35 achava necessário (a moça do apartamento...), mas os jornais contavam que toda a gente achava graça no homenzinho “Vós, burgueses”, e toda a gente, os jornais contavam, acabaram se rindo do tal do deputado. E o 35 acabou não achando mais graça nele. Teve até raiva do tal, um soco é que merecia. E agora estava torcendo pra não chegar com tempo na Estação.

Chegou tarde. Quase nada tarde, eram apenas nove e quinze. Pois não havia mais nada, não tinha aquela multidão que ele esperava, parecia tudo normal. Conhecia alguns carregadores dali também e foi perguntar. Não, não tinham reparado nada, decerto foi aquele grupinho que parou na porta da Estação, tirando fotografia. Aí outro carregador conferiu que eram os deputados sim, porque tinham tomado aqueles dois sublimes automóveis oficiais. Nada feito.

Ao chegar na esquina o 35 parou pra tomar o bonde, mas vários bondes passaram. Era apenas um moço bem-vestidinho, decerto à procura de emprego por aí, olhando a rua. Mas de repente sentiu fome e se reachou. Havia por dentro, por “drento” dele um desabalar neblinoso de ilusões, de entusiasmo e uns raios fortes de remorso. Estava tão desagradável, estava quase infeliz... Mas como perceber tudo isso se ele precisava não perceber!... O 35 percebeu que era fome.

Decidiu ir a-pé pra casa, foi a-pé, longe, fazendo um esforço penoso para achar interesse no dia. Estava era com fome, comendo aquilo passava. Tudo deserto, era por ser feriado, Primeiro de Maio. Os companheiros estavam trabalhando, de vez em quando um carrego, o mais eram conversas divertidas,

mulheres de passagem, comentadas, piadas grossas com as mulatas do jardim, mas só as bem limpas mais caras, que ele ganhava bem, todos simpatizavam logo com ele, ora por que que hoje me deu de lembrar aquela moça do apartamento!... Também: moça morando sozinha é no que dá. Em todo caso, pra acabar o dia era um idéia ir lá, com que pretexto?... Devia ter ido em Santos, no piquenique da Mobiliadora, doze paus convite, mas o Primeiro de Maio... Recusara, recusara repetindo o “não” de repente com raiva, muito interrogativo, se achando esquisito daquela raiva que lhe dera. Então conseguiu imaginar que esse piquenique monstro, aquele jogo de futebol que apaixonava eles todos, assim não ficava ninguém pra celebrar o Primeiro de Maio, sentiu-se muito triste, desamparado. É melhor tomo por esta rua. Isso o 35 percebeu claro, inofismável que não era melhor, ficava bem mais longe. Ara, que tem! Agora ele não podia se confessar mais que era pra não passar na Estação da Luz e os companheiros não rirem dele outra vez. E deu a volta, deu com o coração cerrado de angústia indizível, com um vento enorme de todo o ser soprando ele pra junto dos companheiros, ficar lá na conversa, quem sabe? trabalhar... E quando a mãe lhe pôs aquela esplêndida macarronada celebrante sobre a mesa, o 35 foi pra se queixar “Estou sem fome, mãe”. Mas a voz lhe morreu na garganta.

Não eram bem treze horas e já o 35 desembocava no parque Pedro II outra vez, à vista do Palácio das Indústrias. Estava inquieto mas modorrento, que diabo de sol pesado que acaba com a gente, era por causa do sol. Não podia mais se recusar o estado de infelicidade, a solidão enorme, sentida com vigor. Por sinal que o parque já se mexia bem agitado. Dezenas de operários, se via, eram operários endomingados, vagueavam, por ali, indecisos, ar de quem não quer. Então nas proximidades do palácio, os grupos se apinhavam, conversando baixo, com melancolia de conspiração. Polícias por todo lado.

O 35 topou com o 486, grilo quase amigo, que policiava na Estação da Luz. O 486 achava jeito de não trabalhar aquele dia porque se pensava anarquista, mas no fundo era covarde. Conversaram um pouco de entusiasmo semostradeiro, um pouco de primeiro de maio, um pouco de “motim”. O 486 era muito valentão de boca, o 35 pensou. Pararam bem na frente do Palácio das Indústrias que fagulhava de gente nas sacadas, se via que não eram operários, decerto os deputados trabalhistas, havia até moças, se via que eram distintas, todos olhando para o lado do parque onde eles estavam.

Foi uma nova sensação tão desagradável que ele deu de andar quase fugindo, polícias, centenas de polícias, moderou o passo como quem passeia. Nas ruas que davam pro parque tinha cavalaria aos grupos, cinco, seis escondidos na esquina, querendo a discrição de não ostentar força e ostentando. Os grilos ainda não faziam mal, são uns (palavrão)! O palácio dava idéia duma fortaleza enfeitada, entrar lá dentro, eu!... O 486 então, exaltadíssimo, descrevia coisas piores, massacres horrendos de “proletários” lá dentro, descrevia tudo com a visibilidade dos medrosos, o pátio fechado, dez mil proletários no pátio e os polícias lá em cima nas janelas, fazendo pontaria na maciota.

Mas foi só quando aqueles três homens bem vestidos, se via que não eram operários, se dirigindo aos grupos vagueantes, falaram pra eles em voz alta: “Podem entrar! não tenham vergonha! podem entrar!” com voz de mandando assim na gente... O 35 sentiu medo franco. Entrar ele! Fez como os outros operários: era impossível assim soltos, desobedecer aos três homens bem vestidos, com voz mandando, se via que não eram operários. Foram todos obedecendo, se aproximando das escadarias, mas o maior número longe da vista dos três homens, torcia caminho, iam se espalhar pelas outras alamedas do parque, mais longe. Esses movimentos coletivos de recusa, acordaram a covardia do 35. Não era medo, que ele se sentia fortíssimo, era pânico. Era um puxar unânime, uma fraternidade, era carícia dolorosa por todos aqueles companheiros fortes tão fracos que estavam ali também pra... pra celebrar? pra... O 35 não sabia mais pra quê. Mas o palácio era grandioso por demais com as torres e as esculturas, mas aquela porção de gente bem vestida nas escadas enxergando ele (teve a intuição violenta de que estava ridiculamente vestido), mas o enclausuramento na casa fechada, sem espaço de liberdade, sem ruas abertas pra avançar, pra correr dos cavalaria, pra brigar... E os polícias na maciota, encarapitados nas janelas, dormindo na pontaria, teve ódio do 486, idiota medroso! De repente o 35 pensou que ele era moço, precisava se sacrificar: se fizesse um modo bem 40 visível de entrar sem medo no palácio, todos haviam de seguir o exemplo dele. Pensou, não fez. Estava tão oppresso, se desfibrara tão rebaixado naquela mascarada de socialismo, naquela desorganização trágica, o 35 ficou desolado duma vez. Tinha piedade, tinha amor, tinha fraternidade, e era só. Era uma sarça ardente, mas era sentimento só. Um sentimento profundíssimo, queimando, maravilhoso, mas desamparado, mas desamparado. Nisto vieram uns cavalaria, falando garantidos:

— Aqui ninguém não fica não! a festa é lá dentro, me’rmão! no parque ninguém não pára não!

Cabeças-chatas... E os grupos deram de andar outra vez, de cá para lá, riscando no parque vasto, com vontade, com medo, falando baixinho, mastigando incerteza. Deu um ódio tal no 35, um desespero tamanho, passava um bonde, correu, tomou o bonde sem se despedir do 486, com ódio do 486, com ódio do primeiro de maio, quase com ódio de viver.

O bonde subia para o centro mais uma vez. Os relógios marcavam quatorze horas, decerto a celebração estava principiando, quis voltar, dava muito tempo, três minutos pra descer a ladeira, teve fome. Não é que tivesse fome, porém o 35 carecia de arranjar uma ocupação senão arrebentava. E ficou parado assim, mais de uma hora, mais de duas horas, no largo da Sé, diz-que olhando a multidão. Acabara por completo a angústia. Não pensava, não sentia mais nada. Uma vagueza cruciante, nem bem sentida, nem bem vivida, inexistência fraudulenta, cínica, enquanto o primeiro de maio passava. A mulher de encarnado foi apenas o que lhe trouxe de novo à lembrança a moça do apartamento, mas nunca que ele fosse até lá, não havia pretexto, na certa que ela não estava sozinha. Nada. Havia uma paz, que paz sem cor por dentro...

Pelas dezessete horas era fome, agora sim, era fome. Reconheceu que não almoçara quase nada, era fome, e principiou enxergando o mundo outra vez. A multidão já se esvaziava, desapontada, porque não houvera nem uma briguinha, nem uma correria no largo da Sé, como se esperava. Tinha claros bem largos, onde os grupos dos polícias resplandeciam mais. As outras ruas do centro, essas então quase totalmente desertas. Os cafés, já sabe, tinham fechado, com o pretexto magnânimo de dar feriado aos seus “proletários” também.

E o 35 inerme, passivo, tão criança, tão já experiente da vida, não cultivou vaidade mais: foi se dirigindo num passo arrastado para a Estação da Luz, pra os companheiros dele, esse era o domínio dele. Lá no bairro os cafés continuavam abertos, entrou num, tomou duas médias, comeu bastante pão com manteiga, exigiu mais manteiga, tinha um fraco por manteiga, não se amolava de pagar o excedente, gastou dinheiro, queria gastar dinheiro, queria perceber que estava gastando dinheiro, comprou uma maçã bem rubra, oitocentão! foi comendo com prazer até os companheiros. Eles se ajuntaram, agora sérios, curiosos, meio inquietos, perguntando pra ele. Teve um instinto voluptuoso de mentir, contar como fora a

celebração, se enfeitar, mas fez um gesto só, (palavrão), cuspindo um muxoxo de desdém pra tudo.

Chegava um trem e os carregadores se dispersaram, agora rivais, colhendo carregos em porfia. O 35 encostou na parede, indiferente, catando com dentadinhas cuidadosas os restos da maçã, junto aos caroços. Sentia-se cômodo, tudo era conhecido velho, os choferes, os viajantes. Surgiu um farrancho que chamou o 22. Foram subir no automóvel mas afinal, depois de muita gritaria, acabaram reconhecendo que tudo não cabia no carro. Era a mãe, eram as duas velhas, cinco meninos repartidos pelos colos e o marido. Tudo falando: "Assim não serve não! As malas não vão não!" Aí o chofer garantiu enérgico que as malas não levava, mas as maletas elas "não largavam não", só as malas grandes que eram quatro. Deixaram elas com o 22, gritaram a direção e partiram na gritaria. Mais cabeça-chata, o 35 imaginou com muita aceitação.

O 22 era velhote. Ficou na beira da calçada com aquelas quatro malas pesadíssimas, preparou a correia, mas coçou a cabeça.

— Deixe que te ajudo, chegou o 35.

E foi logo escolhendo as duas malas maiores, que ergueu numa só mão, num esforço satisfeito de músculos. O 22 olhou pra ele, feroz, imaginando que 35 propunha rachar o galho. Mas o 35 deu um soco só de pândega no velhote, que estremeceu socado e cambaleou três passos. Caíram na risada os dois. Foram andando.

(1934-1942)



2.5 Júlia Lopes de Almeida



Almeida [s.d.]

Júlia Lopes de Almeida nasceu em 1862 no Rio de Janeiro, foi uma das mais relevantes figuras da literatura brasileira do final do século XIX e início do XX, expressou vigor intelectual, sensibilidade estética e forte compromisso social. Rompeu com as expectativas de gênero de sua época, dentre outros fatores, por iniciar sua trajetória literária ainda jovem. Atuou como cronista, romancista, contista, dramaturga e jornalista, foi pioneira na defesa de temas como a emancipação feminina, abolição da escravidão e a valorização da educação e do trabalho como meio de transformação social. Ao longo de sua carreira, publicou bastante e manteve colaborações com os principais periódicos do país. Destaque a coletânea “Ansia Eterna” na qual está presente o seu conto selecionado para este trabalho. Seu prestígio, embora notável em vida, foi ofuscado historicamente pelo apagamento sistemático das autoras mulheres. Ainda assim, sua produção plural — marcada por estilo claro e protagonismo feminino — reafirma sua posição como precursora no campo das letras e como voz ativa nas transformações sociais de seu tempo (Lemos, 2020).

O Conto *A morte da velha* foi selecionado para compor nosso trabalho (Almeida, 2019, p. 125- 130), ao relacionar-se com o mundo do trabalho, tanto no campo do trabalho doméstico, como no trabalho exercido por mulheres que muitas vezes possuem uma jornada dupla. Além disso, atentamos para a discussão relativa a descartabilidade e desumanização de trabalhadores idosos, que ao não

possuírem mais a força de trabalho muitas vezes são abandonados. O abandono da personagem expõe de forma brutal como a lógica utilitarista do mundo do trabalho – inclusive no ambiente familiar – descarta aqueles que já não “produzem” em uma lógica capitalista. Acreditamos, também que seu estilo conciso, direto, ágil e forte tensiona o leitor a refletir como o trabalho afetivo, muitas vezes invisível, não remunerado e exercido em sua maioria por mulheres é sistematicamente desvalorizado mesmo nos dias atuais. Sua temática e estilo, proporcionam uma leitura contemporânea e acessível a diversos públicos. Em seguida, apresentamos, especialmente para este conto, duas ricas notas introdutórias que se complementam e dialogam, a primeira escrita pela Professora e Pesquisadora Magali Engel, que propõe, principalmente, diversas reflexões relacionadas à vida da autora. A segunda, de autoria da escritora e Professora Maria de Lourdes Eleutério que se concentra na análise e interpretação do conto em, além de promover reflexões sobre ele.

2.5.1 Notas introdutórias

2.5.1.1 Magali Gouveia ENGEL

O conto “A morte da velha”, de Júlia Lopes de Almeida, foi publicado pela primeira vez em 1903, na coletânea intitulada *Ânsia eterna*, editado pela renomada livraria Garnier. Situada na elegante Rua do Ouvidor, era uma das editoras mais famosas da cidade do Rio. Ponto de encontros dos intelectuais que residiam na cidade, e também dos que vinham visitar a capital republicana, a livraria, fundada pelos irmãos Garnier oriundos de Paris em 1844, publicava importantes escritores, entre os quais nomes do porte de Machado de Assis. Júlia publicou também pela Livraria Francisco Alves e por editoras portuguesas do Porto e de Lisboa. Diante disso, caras leitoras e caros leitores, vocês poderiam se perguntar: mas como, em inícios do século XX, uma mulher obteve prestígio suficiente para publicar suas obras por importantes editoras, inacessíveis a muitos literatos talentosos como, por exemplo, Lima Barreto?

Primeiramente, é necessário que vejamos a sociedade brasileira daquela época, através de lentes que nos mostram uma realidade muito mais complexa do

que a que nos vem sendo apresentada por grande parte das/os estudiosas/os. Se é fato que, naquele momento histórico, as mulheres eram ainda mais coagidas pelas diversas formas do poder masculino do que hoje, por outro lado, as lutas pelos direitos das mulheres desencadeadas a partir da disseminação do iluminismo e, sobretudo da Revolução Francesa, haviam dado alguns frutos relevantes. No Brasil, uma das pioneiras dessas lutas, especialmente no que tange à defesa da educação feminina, foi Nísia Floresta que, desde os anos 1830, vinha tendo atuação de destaque neste sentido, através de artigos veiculados na imprensa e da publicação de livros. Vale destacar que em meio a esse processo surgiram os primeiros jornais femininos brasileiros, em meados do século XIX. Também é importante ressaltar que tal luta contou com o apoio de homens, como o famoso intelectual e político pernambucano Tobias Barreto.

Mas será que as limitadas, mas importantes conquistas de alguns direitos que asseguraram o acesso à educação e ao mundo intelectual e científico beneficiaram todas as mulheres? Não! Ora, se tais direitos só eram desfrutados por uma pequena parcela da população masculina, imaginem o quão restrito era o número de mulheres que os conquistaram! Para melhor compreendermos essa realidade histórica, é preciso que busquemos respostas para a seguinte questão: quem foram essas mulheres? E, mais especificamente aqui, quem foi Júlia Lopes de Almeida?

Júlia Valentina da Silveira Lopes de Almeida nasceu na rua do Lavradio, situada na região central da cidade do Rio, em 24 de setembro de 1862. Filha do professor Valentim José da Silveira Lopes e da também professora Antônia Adelina do Amaral Pereira, ambos portugueses, Júlia cresceu em um ambiente familiar onde o gosto pela leitura e pela escrita era estimulado. Sua irmã mais velha, Adelina, compunha poemas que recitava nos saraus promovidos pelos pais, onde as outras irmãs, Maria José tocava piano e Adelaide cantava e declamava. Por ter uma saúde frágil Júlia não frequentou escolas, sendo educada em casa pela irmã Adelina e pela mãe Antônia Adelina. Completou seus estudos com o pai e com professores particulares de inglês e francês. Desde muito jovem, escrevia versos, tendo sempre contado com o incentivo da família, especialmente do pai, que a encorajou a escrever seu primeiro artigo, publicado na Gazeta de Campinas, de 7 de dezembro de 1881. Três anos depois, Júlia estreou como cronista do importante jornal O Paiz, onde manteve sua famosa coluna por mais de trinta anos. Atuou em

diversos periódicos do Rio e de outras regiões brasileiras. Escreveu muitos romances, livros de leitura, contos, conferências, artigos, crônicas, peças de teatro, obtendo grande sucesso de público.

Assim, alcançou a meta de “viver da literatura”, que poucos autores homens atingiram. No conjunto de sua obra, tratou dos mais diversos assuntos, desde o papel feminino no casamento – onde assumiu posturas mais conservadoras – até a defesa dos direitos das mulheres. Abordou assuntos mais amplos, tais como: política, nação, urbanização e cultura.

Pesquisas sobre autoras como Júlia têm contribuído para percebermos que o número de mulheres que conquistaram prestígio e respeitabilidade no campo intelectual brasileiro, marcadamente masculino, não foi tão restrito quanto imaginávamos a princípio. Entretanto, é preciso voltar à questão que formulamos anteriormente: quem eram essas mulheres?

Júlia, por exemplo, era branca, o que numa sociedade estruturalmente racializada e racista representava, sem dúvida uma condição privilegiada. Lembre-se que Lima Barreto era negro e, mais, combatia obstinadamente as discriminações raciais e sociais em sua obra. Além de branca, Júlia pertencia a uma família com recursos, que forneceu às filhas uma educação esmerada e as incentivou a cultivarem atividades intelectuais. Foi Valentim José que introduziu as filhas nas redes de sociabilidade compostas por literatos, políticos e artistas, desde quando residiam em Campinas. A literata contou também com o apoio incondicional de seu marido, o escritor português Francisco Filinto de Almeida, com quem se casou em 1887. Júlia participou das discussões que antecederam a fundação da Academia Brasileira de Letras e seu nome foi indicado por alguns intelectuais – como o escritor e jornalista Júlio de Mendonça – para compor a lista dos que integrariam a referida instituição. Contudo, a proposta foi rejeitada com base no argumento de que a Academia Brasileira seguia o modelo da Francesa, onde não havia mulheres. Há rumores de que, por isso, seu marido Filinto teria ocupado, em seu lugar, a cadeira no. 3 da ABL. A condição social privilegiada, a cor, a inserção em espaços e redes de sociabilidade que reuniam a “fina flor da literatura” – das artes de um modo geral, da ciência e da política – foram elementos decisivos para que Júlia Lopes de Almeida conquistasse o reconhecimento de seus pares masculinos. As reuniões realizadas no famoso “Salão Verde” da residência do casal Júlia e Filinto, localizada no bairro carioca de Santa Tereza, eram muito prestigiadas. Nessas tertúlias

literárias, onde se discutia arte, política e ciência, estavam presentes notáveis representantes, majoritariamente masculinos, da intelectualidade que residia ou estava de passagem pela capital republicana. Era Júlia que protagonizava a construção e a manutenção dos laços de sociabilidade que sustentavam o sucesso do seu célebre “Salão Verde”. Mas, tais redes de sociabilidade, embora majoritariamente constituídas por homens, contavam também com a participação de mulheres romancistas, poetisas, pintoras, musicistas, jornalistas e cientistas – a exemplo da poeta Júlia Cortines, da artista plástica Tarsila do Amaral e da violinista Paulina D’Ambrosio. Essas mulheres, embora inseridas nos círculos intelectuais e políticos masculinos, formaram também uma rede feminina apoiando umas às outras, no que tange à inserção no campo intelectual e artístico brasileiro. Não por acaso, o conto que vocês lerão a seguir foi dedicado à poeta e cronista Presciliiana Duarte de Almeida, fundadora de *A Mensageira*, revista que defendia a emancipação feminina, especialmente através de uma educação de qualidade.

Além do seu perfil biográfico, que vimos brevemente aqui, o conservadorismo na abordagem de temas – como a família, o casamento e a maternidade – e a moderação em relação a questões polêmicas – como a defesa dos direitos das mulheres e a proximidade de figuras e instituições feministas da época – também contribuíram para o sucesso editorial e jornalístico de Júlia. Nesse sentido, espero ter incitado as/os leitoras/es a questionarem a afirmação, ainda bem comum, de que Lopes foi uma mulher “adiante do seu tempo”. Ora, não existem pessoas fora de seu tempo. Cada temporalidade histórica é complexa, múltipla, dinâmica, o que permite que ideias e posturas diversas sejam cultivadas simultaneamente por diferentes indivíduos, em um mesmo momento. Para compreender cada uma delas é preciso romper com pressupostos simplistas, os quais assumem que perspectivas aparentemente majoritárias e dominantes seriam capazes de expressar com completude a realidade histórica estudada, como se essa fosse um todo homogêneo. Tais pressupostos simplistas desconsideram as tensões e contradições que atravessam os tempos e contextos históricos.

Por fim, proponho uma questão para reflexão. Júlia foi abolicionista como seu pai. No conto “A morte da velha”, a protagonista é descrita como uma mulher idosa que possuía “olhos azuis, cariciosos e transparentes como as pupilas das crianças”. Mais adiante, a autora descreve o filho mais novo da viúva pobre a quem ajudava como “um lindo menino de olhos azuis e de cabelos loiros”. Não há referências

explícitas à cor dessas ou de outras personagens. Será que podemos deduzir que a bondade e a beleza são qualidade associadas no conto a uma mulher e a uma criança brancas? Mesmo tendo combatido a escravidão, Júlia Lopes de Almeida compartilhava concepções e sentimentos racistas? Todas as pessoas que defenderam a abolição da escravidão no Brasil eram antirracistas? Pesquise sobre o assunto.

2.5.1.2 Maria de Lourdes ELEUTÉRIO

O conto “A morte da velha” de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) é uma dura crítica ao abandono de pessoas mais velhas, que já não podem trabalhar e se tornam um peso para a família. Acrescente-se que, nessa narrativa a pessoa idosa é uma mulher, portanto, aquela que sempre trabalhou para ganhar seu sustento e de outros, desempenhando também as tarefas da casa, em jornada dupla.

É o caso de Amanda, protagonista desse conto que não teve vida própria, dedicando-se a criar o irmão menor, e mais tarde, quando este enivou, colaborando na criação das quatro filhas, desse irmão, chamado Luciano.

Além de toda a dedicação ao núcleo familiar, Amanda sempre acolhia as pessoas que vinham pedir-lhe dinheiro ou algum auxílio. O tempo passou e cada vez mais debilitada, em cadeira de rodas, Amanda se torna mais dependente, deixando a organização da casa, bem como o trabalho que fazia cortando papeis decorativos para embalar doces.

Luciano sempre recriminando a irmã por seus gestos de bondade e ela justificando as atitudes dele, desculpando-o até que certa noite ocorre um incêndio na casa e Amanda observa seu irmão preocupado em salvar móveis, joias e orientar as filhas para escaparem das chamas. A velha percebe que muito do que estava sendo salvo vinha do enorme esforço que fizera por seu irmão. O conto termina como o já anunciado no título.

Esse texto exemplar, publicado no livro de contos, *Ânsia Eterna*, de 1903, permanece atual, pois tematiza a mulher e o não reconhecimento do trabalho que é gerir uma casa, a discriminação da idosa que já não tem força produtiva, exemplar também em relação ao desprezo e abandono a que pode ser relegada uma pessoa em contraposição a valorização de bens materiais.

Sua autora, Julia Lopes de Almeida, escreveu dez romances, cinco coletâneas de contos, três livros para crianças, além de intensa e constante presença em revistas e jornais com artigos e crônicas que traziam reflexões críticas sobre a sociedade de sua época, enfatizando a condição de submissão da mulher, a necessidade de sua educação e profissionalização para sua emancipação.

2.5.1.3 A morte da velha

Júlia Lopes de Almeida

A Presciliiana Duarte de Almeida

Cabelos brancos, finos, em bandós; rosto redondo, amolecido, sulcado por muitas linhas fundas; olhos azuis, cariciosos e transparentes como as pupilas das crianças; corpo pesado, grosso, baixo e curvado; pés e mãos inchados, pernas paralíticas – tal era a velhinha cuja vida deslizara entre sacrifícios, que ela, na sua crença de religiosa, espera ver transformados em flores no céu!

Muito surda, mas extraordinariamente bondosa e ativa, ela não parava de trabalhar, na sua grande cadeira de rodas, recortando papéis para as confeitarias. Os recursos eram minguados: o irmão, desde que se mudara para aquele sobrado da rua do Hospício, não lhe dava vintém, e ainda se queixava de ter de sustentar tantas bocas.

Só filhas quatro, de mais a mais doentes e pouco jeitosas. Só uma bonita, a última, e essa era também a de melhor gênio, talvez por mais esperançada no futuro. Mãe não tinham, e fora a velha, tia Amanda, quem tivera com elas todo o trabalho da criação, bem como já tinha tido com o irmão. Estava afeita. Afeita mas cansada.

O irmão, empregado público, era viúvo, mal-humorado e envelhecido precocemente. A esse tinha ela criado nos braços, desde os mais tenros meses; fora para ele uma segunda mãe. Quantas vezes contava às sobrinhas as travessuras do seu pequeno Luciano, que aí estava agora tristonho, achacado e impertinente! E ela gozava relatando os episódios da meninice dele: os caprichos

que lhe satisfazia para o não ver chorar, as horas que perdia de sono para o embalar nos braços, os sustos com as doenças e as quedas, e uma noite que passara em claro para fazer um trajo de anjo com que Lucianinho foi à procissão do Corpo de Deus.

– Nesse tempo o vigário do Engenho...

Mas as sobrinhas interrompiam-na: queriam saber como era o vestido, esforçando-se por imaginar a figura do pai, agora tão enrugado e taciturno, com seis anos apenas e vestidinho de anjo!

A velha satisfazia-lhes a curiosidade com um sorriso de gosto: era um vestidinho salpicado de lantejoulas e guarnecido de rendas.

Nada faltou ao irmão – nem a cabeleira em cachos, com o seu grande diadema cheio de pedrarias, alto na frente, em bico; nem as asas de penas brancas, entre as quais pusera um ramo de flores do campo, em tufo de filó; nem as meias arrendadas, e os sapatos de cetim branco com uma roseta azul, nem as pulseiras, o colar, o lenço guarnecido de rendas, cuja extremidade ele oferecera graciosamente a outro anjo que ia a seu lado, no mesmo passo. As sobrinhas ouviam-na rindo e faziam-na repetir certas travessuras do pai, a que elas achavam muita graça, mas que lhes pareciam absurdas. Custava-lhes a crer que o pai, tão sisudo, tivesse feito aquilo; mas a tia afirmava-lhes tudo com segurança, mesmo diante dele, que não protestava, e elas ficavam satisfeitas, tendo com as antigas maldades do pai como que uma desculpa para as suas.

Entretanto, tia Amanda não parava de trabalhar; cosia as meias de toda a gente de casa, cortava papéis de balas para uma vizinha doceira e rendas para os pudins das confeitarias.

Ganhava pouco, e esse pouco dava-o, tão habituada estava desde moça a trabalhar para os outros.

A pouco e pouco a pobre velhinha foi também perdendo a memória: confundia datas, relatava atrapalhadamente os fatos; a sua tesourinha já se não movia com tanta delicadeza, as mãos tornaram-se-lhe mais pesadas, a vista enfraqueceu; os pontos nas meias já não formavam o mesmo xadrezinho chato e igual, e o serviço das confeitarias começou a escassear até que lhe faltou completamente.

Nesse dia a pobrezinha chorou. O irmão não lhe dava nada... como poderia ela socorrer as desgraçadas que até então protegera?

No fim do mês lá foram ter com ela a viúva pobre dos sete filhos e a comadre tísica. A velha não teve coragem de lhes contar a verdade; corou... e prometeu mandar-lhes no outro dia alguma coisa. E no outro dia mandava o que a casa de penhores lhe dera pelo seu relógio antigo, e que ela tinha destinado para a primeira sobrinha que casasse.

Mas a história do relógio foi depressa sabida pela gente de casa. As filhas de Luciano contaram ao pai, indignadas, que a tia o expunha ao ridículo, mandando empenhar coisas, como se não tivesse que comer em casa! O Luciano ouviu-as, mordendo o bigode branco, com a indignação das filhas a refletir-se-lhe nos olhos. Foi imediatamente falar à irmã. Achou-a cosendo na sua cadeira de rodas, os óculos caídos sobre o nariz, a cabeça pendida.

Vendo-o, ela sorriu. Ele perguntou-lhe num tom azedado pelo seu mau fígado:

- Então? é verdade que você mandou empenhar o seu relógio de ouro?
- É, respondeu ela na sua costumada placidez.
- Mas eu não quero isso! Hão de pensar lá fora que não lhe dou de comer! Tome cuidado!

A velha estremeceu, e nos seus olhos azuis brilhou, fugitiva, uma expressão dolorosa.

Tome cuidado! Quantas vezes dissera ela aquelas mesmas palavras ao Lucianinho, nos velhos tempos! Dizia-lhas com meiguice, alisando-lhe os cabelos, ou entre dois beijos:

- “Olha, meu filho, toma cuidado! não te exponhas ao sol... não comas frutas verdes! estuda bem as lições... Toma cuidado contigo, meu amor!”

E eram quase súplicas aqueles conselhos!

E aí estava agora o Luciano a dizer-lhe colérico e brutalmente as mesmas palavras! E ela curvava a cabeça ao irmão, e obedecia-lhe, e temia-o! ela, que o criara desde pequenino, que por causa dele perdera um casamento, que por causa dele se tinha sempre sacrificado! Era duro, mas era assim. Há sempre mais paciência para as maldades de uma criança do que para as rabugices de um velho! Reconhecia isso e calava-se. “Luciano é doente, pensava ela, e é por isso que me trata com tão mau humor! é doença, não é ruindade de coração... Se ele foi sempre tão bom! Aquilo há de passar.”

No fim do mês a questão estava esquecida, e a velha recebeu a visita da comadre tísica e da viúva pobre. Não tinha um vintéim, e resolvera dizer isso mesmo às suas protegidas; mas exatamente nessa ocasião a tísica mostrou-lhe uma receita do médico, tossindo a cada palavra, com a mão espalmada no peito; e a viúva levou-lhe pela primeira vez o filho mais novo, um lindo menino de olhos azuis e de cabelos loiros.

A velha enterneceu-se e prometeu mandar no dia seguinte alguma coisa, tanto a uma como a outra.

Nessa mesma tarde disse ao Luciano, muito constrangida:

- *Hoje vieram cá aquelas pobres... Coitadas! custa-me tanto não lhes dar esmola... se você me pudesse emprestar... é pouca coisa, bem vê...*
- *Acha muito o que eu ganho? não se lembra que mal me dá o ordenado para sustentar as quatros filhas e nós?*

E como ela lhe explicasse a precária situação das duas mulheres:

- *Ora, a viúva que empregue os filhos mais velhos e ponha os outros em asilos; e quanto à tísica...*
- *Se eu tivesse vinte anos de menos, não te pediria isto, Luciano! Lembra-te bem!*

Mas o Luciano não se lembrou!

Ela quis referir-se ao tempo em que o ajudava trabalhando para fora, cuidando-lhe dos filhos, indo muitas vezes para a cozinha, e deitando-se fora de horas para lhe engomar as camisas... quis referir--se, mas envergonhou-se, e disse de si para si:

- *Aquilo é doença; não é ruindade de coração!*

No entanto, o seu bom Lucianinho e as filhas comentavam entre si a caduquice da velha. E, realmente, desde aquele dia, a paralítica decaiu muito; incomodava toda a gente. Era preciso levá-la ao colo para a cama, despi-la, vesti-la, lavá-la, levar-lhe a comida à boca. Ela impacientava-se quando lhe tardavam com o almoço; gritava de lá que a queriam matar à fome, que era melhor enterrarem-na de uma vez. E a criada, a quem ela dera outrora presentes, ria-se; e as sobrinhas, que ela tantas vezes carregara ao colo, levantavam os ombros, enfadadas. Luciano repreendia-as, mas ia dizendo que efetivamente a irmã era insuportável!

Apesar de muitíssimo idosa, a pobre senhora tinha apego à vida; já muito confusa das ideias, completamente inerte, tinha impertinências, ralhava lá da sua cadeira de rodas com toda a gente: esta porque não lhe dava água, aquela porque

Ihe apertara de propósito o cós da saia, aquela outra porque lhe deitava veneno na comida...

Deslizavam assim amargamente os meses quando, um dia, uma criada, muito pálida, com os olhos esgazeados e os cabelos hirtos, entrou aos gritos na sala de jantar, exclamando:

– *Fogo! fogo! há fogo em casa!*

Levantaram-se todos da mesa.

Por uma janela aberta entrou uma lufada de fumo; viu-se brilhar a chama. A porta estava tomada pelo fogo.

– *Fujam pelo telhado! gritou o Luciano.*

E ouviam-se vozes lá fora, dizendo como um eco:

– *Fujam pelo telhado!*

Na sua grande cadeira de rodas, a velha presenciava aquela cena, sem se poder mover, aterrorizada e sem voz. O irmão empurrava as filhas, atava num guardanapo as joias tiradas à pressa de uma cômoda, punha na mão da criada os talheres de prata, olhava para trás, para o fogo que vinha lambendo a parede, impelido pelo vento; corria, atirava para o telhado os móveis mais leves, pressurosamente, abria e fechava gavetas, e saltava por fim também pela janela, para o telhado, o único meio de salvação que a Providência lhe oferecia!

A velha ficou só. Tentou mexer-se, tentou gritar: debalde.

Pior que o incêndio e que o medo foi a impressão deixada pela fugida do irmão.

O seu espírito cansado como que se esclareceu nesse momento.

E dessa vez não disse de si para si, para desculpá-lo: “Aquilo é doença, não é ruindade de coração!...”

O calor afogueava-lhe as faces, onde há muito não subia o sangue; no meio daquela solidão pavorosa, ouvindo o crepitante da madeira nuns estalidos secos, a bulha surda de uma ou de outra viga que se desmoronava, o luf-luf da chama que subia, a velha sorria com ironia,

lembrando-se da precaução do Luciano em arrecadar as coisas que ela, a irmã abandonada, lhe ajudara a ganhar...

E voltou de novo o olhar para a janela; então, entre o fumo já espesso, viu desenhar-se ali uma figura de homem.

O coração bateu-lhe com alegria.

– É Luciano que se lembrou de mim!...

Era um bombeiro que lhe estendia a mão, chamando-a. A velha fez-lhe um gesto – que se retirasse!

Nisso, um rolo de fumo negro interpôs-se entre ambos, como um véu de crepe. Perderam-se de vista. O bombeiro voltou para fora, quase asfixiado. A velha fechou os olhos e esperou a morte.

(1903)



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste material, buscamos apresentar o Círculo de Leitura como uma estratégia privilegiada para a prática da leitura literária que une a subjetividade da leitura com o compartilhamento de múltiplos sentidos observados pelos integrantes do círculo. Reconhecemos que essa experiência vai além dos muros da escola, pois está presente em diferentes contextos sociais e culturais. Ainda assim, procuramos evidenciar como ela pode se tornar uma aliada potente de propostas pedagógicas que visam uma formação integral e integrada, pois estimulam o pensamento crítico, tem caráter ser humanizador por seu viés colaborativo e centralizam o texto literário como material de estudo e discussão o que pode ser relevante para o alcance de outras funções provenientes da leitura literária.

Além disso, procuramos evidenciar que, dentro das escolas, a prática do Círculo de Leitura não está necessariamente ou unicamente vinculada à disciplina de Língua Portuguesa. A formação dos Círculos pode ocorrer em outras disciplinas, ou até mesmo de maneira interdisciplinar; fator que pode contribuir para o ensino integrado e a compreensão do texto literário como uma ferramenta transdisciplinar.

Apresentamos também neste material contos que perpassam a temática do mundo do trabalho. O intuito foi reunir material literário que permita a inserção inicial do Círculo de leitura no ambiente educativo, por meio de textos que podem facilmente ser trabalhados de maneira interdisciplinar, principalmente em instituições que buscam a formação para o mundo do trabalho.

Salientamos que a proposta didática apresentada aqui é baseada, principalmente, no modelo de Círculo de Leitura apresentado por Cosson (2021 e 2014). Apesar disso, algumas orientações discutidas pelo autor em suas produções não estão presentes no nosso material. Dessa forma, indicamos a leitura integral dos trabalhos mencionados para que haja um conhecimento mais profundo sobre a prática.

Por fim, compreendemos que propostas que têm como objetivo desenvolver o letramento literário em ambiente escolar é caminho essencial para que os estudantes alcancem a fruição e a apropriação do texto literário. Por meio dele é possível se alcançar outras potências da leitura literária como: o exercício do

pensamento crítico, o despertar da consciência social, a humanização do olhar, a ampliação do repertório, a construção de novos saberes, dentre outras funções. Afinal, a literatura é território sem fronteiras, pois se expande com cada leitor, com cada leitura, com cada encontro, com cada palavra que ressoa além da página.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. [s.d]. 1 foto. JPG do ficheiro TIF. 403 x 599 píxeis. Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos. Domínio Público. Arquivo Nacional. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BAlia_Lopes_de_Almeida> . Acesso em: 23 jul. 2025.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Ânsia eterna**. Brasília: Senado Federal, 2020. p. 125- 130.

ANDRADE, Mário de. Primeiro de maio. In: **Contos novos**. 1.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 10520**: informação e documentação: apresentação de citações em documentos. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 14724/ 2024**: informação e documentação: apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro: ABNT, 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6023/ 2025**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2025.

BORMANN, Maria Benedita Câmara. A escritora brasileira Maria Benedita Bormann (1853-1893). [19-]. 1 foto. JPG. 240 x 250 pixels. 18KB, MIME. Domínio público. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Maria_Benedita_Bormann.jpg?uselang=en#Licensing> . Acesso em: 23 jun. 2025.

BORMANN, Maria Benedita Câmara. A ama. In: **Gazeta da Tarde**. Anno. V. n. 25, página 1, seção Folhetim. 1884. Disponível em: <https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/226688/per226688_1884_00025.pdf> Acesso em: 18 jun. 2025.

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix 2017.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario Bibliographico Brazileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Alma minha gentil, que te partiste**. 1595. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>> Acesso em 17 jul. 2023.

CORRÊA, Victor Martins. **Práticas de leituras literárias e suas contribuições à formação omnilateral no ensino médio integrado do instituto federal campus Ibirité**. Orientadora: Raquel Aparecida Soares Reis Franco. 2025. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional -ProfEPT). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, Campus Ouro Branco, 2025.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. “Letramento Literário”. In: **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. 2014a Disponível em <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>>. Acesso em: 09 abr. 2023.

- COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da Literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.
- COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo Contexto, 2021.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- LEMOS, Cleide. Apresentação. In: ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Ansia eterna**. 2. ed. rev. Brasília: Senado Federal, 2020. p. 7-15.
- LIMA BARRETO, Afonso Henrique. O Homem que Sabia Javanês. 1911. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000165.pdf>> Acesso em: 06 jun. 2025.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. Campinas: Alínea, 2010.
- OLIVEIRA, Pablo Menezes. “Tão antiga, tão nova: breves notas para uma História da Educação profissional no Brasil”. In: OLIVEIRA, Adilson Ribeiro de et al. **Educação profissional e tecnológica no Brasil**: da história à teoria, da teoria à práxis. Coleção Educação Profissional e Tecnológica no Brasil. v.1 , p. 67-81. 2020.
- PACHECO, Eliezer Moreira. **Os institutos federais**: uma revolução na educação profissional e tecnológica. – Natal: IFRN, 2010.
- PAULINO, Graça et al . A Formação de professores leitores literários: uma ligação entre infância e idade adulta?. **Educ. Rev.**, Belo Horizonte , n. 30, p. 51-64, dez. 1999 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46981999000200006&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 11 nov. 2024.
- PEREIRA, Maria do Rosário A. A escritora Maria Benedita Bormann. In: BORMANN, Maria Benedita Câmara de. **Lésbia**. São Paulo: Editora 106, 2021.
- SABINO, Ignez. **Mulheres ilustres do Brazil**. Edição fac-similar. Florianópolis: Editora das Mulheres, 1996.
- STREET, Brian Vincent. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandêmico: Lima Barreto e a internação de 1914. **Sociologia e Antropologia**. Sociologia & Antropologia, v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2238-38752011v1n16>> . Acesso em: 11 nov. 2024.
- VOSYLIUS, Kazys. **Mário de Andrade**. [193-]. 1 foto. Gelatina, p&b. 37 x 29,5cm. Andrade, Mário de, 1893-1945 – Retratos. Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/10290>> . Acesso em: 11 nov. 2024.

ANEXO I - FICHA DE EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS

Ficha de Experiências Literárias

Olá, estudante! Esta ficha foi criada para nos ajudar a conhecer um pouco mais sobre suas experiências e interesses literários. Suas respostas são muito importantes para que possamos planejar atividades de leitura que sejam significativas e dar continuidade a nossa prática do Círculo de Leitura Literária!

Por favor, preencha os campos abaixo com atenção:

Nome: _____

Série: _____ **Turma:** _____

Como preencher esta ficha:

1. Obras já lidas: Na primeira tabela, registre até 5 obras literárias que você já leu ou com as quais teve contato (livros, narrativas literárias, poemas, cantigas etc.). Em seguida, para cada obra lida, escolha o emoji que melhor representa sua experiência e circule-o.

- - Adorei! Leria de novo e/ou recomendo muito.
- - Gostei! Foi uma leitura agradável.
- - Neutro. Não me marcou muito, nem para o bem nem para o mal.
- - Não gostei. Tive dificuldade ou não me conectei com a obra.
- - Detestei! Não leria de novo de jeito nenhum.

2. Breves comentários. Após a tabela, você encontrará espaço para tecer breves comentários sobre o texto lido ou apreciado por você. Preencha de maneira livre. Por exemplo, indique os motivos de não gostar ou gostar muito, o momento de leitura, o motivo de afinidade pessoal com o texto etc.

3. Obras que desejo ler. Na segunda tabela, liste até 5 obras literárias que você tem interesse em ler no futuro.

4. Por que tenho interesse? Após a tabela há espaço para justificar o desejo de leitura da obra indicada, preencha se achar necessário.

Obras Literárias que já li

Título do texto literário	Autor(a)	Avaliação
1.		<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
2.		<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
3.		<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
4.		<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
5.		<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>

Breves comentários pessoais sobre os textos literários:

Texto 1.:

Texto 2.:

Texto 3.:

Texto 4.:

Texto 5.:

Obras Literárias que desejo ler

Título da Obra	Autor(a)
1.	
2.	
3.	
4.	
5.	

Por que tenho interesse?

Texto 1:

Texto 2:

Texto 3:

Texto 4:

Texto 5:

ANEXO II - EXEMPLOS DE CARTÕES DE FUNÇÃO PREENCHIDOS COM BASE EM UM TEXTO

Texto base para os exemplos de cartões de função preenchidos:

Soneto

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

Luís de Camões (1595)

Cartão de Função - Questionador

Texto literário: Alma minha gentil, que te partiste

Autor: Luís de Camões

Estudante: _____

Turma: _____ Série: _____ Disciplina:_____

- **Para você quem é o interlocutor do eu lírico do poema de Luís de Camões?**

O interlocutor é uma “alma gentil partiste”, o que pode sugerir alguém que tenha falecido de maneira prematura.

- **Como o eu lírico do poema se sente? E por que ele se sente assim?**

Ele parece se sentir triste porque perdeu alguém prematuramente de quem gostava muito.

- **Qual a relação entre o eu lírico e seu interlocutor?**

É possível que seja uma pessoa que o eu lírico esteve muito apaixonado, de maneira carnal, tendo em vista o verso “Não te esqueças daquele amor ardente”. Mas também seria possível imaginar que o interlocutor fosse um filho(a) do eu lírico, alguns pais e mães amam seus filhos de modo ardente, não? E essa interpretação pode ser fortalecida pela ideia de uma amor puro, presente no verso “ Que já nos olhos meus tão puro viste”. Além de ter sido alguém que faleceu tão cedo.

- **Qual desejo do eu lírico ?**

O eu lírico deseja que, se seu interlocutor perceber que a mágoa e tristeza dele merece, que peça a deus que o leve dessa vida, ou seja que lhe mate também para que possa encontrar seu amor.

- **Quais sentimentos vieram em você quando leu o poema?**

Me vem em mente as pessoas que amei muito, e que já partiram, dessa maneira o poema me traz melancolia e tristeza. Mas também a esperança de poder encontrá-las novamente.

Cartão de Função - Iluminador de passagem

Texto literário: Alma minha gentil, que te partiste

Autor: Luís de Camões

Estudante: _____

Turma: _____ Série: _____ Disciplina:_____

Passagem:

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste

Reflexão:

Logo já me emocionou e despertou curiosidade o poema, na passagem inicial percebi que o eu lírico vive bem deprimido, porque uma alma boa faleceu. Entendi que o eu lírico acredita em uma vida eterna em outro plano, pois essa alma “repousa no Céu eternamente”. Também, já nessa passagem, percebi que o primeiro verso rima com o quarto, e o segundo com o terceiro. Além disso, os versos apresentam 10 sílabas poéticas cada, senti uma musicalidade quando recitei o poema em voz alta!

Cartão de Função - Conector

Texto literário: Alma minha gentil, que te partiste

Autor: Luís de Camões

Estudante: _____

Turma: _____ Série: _____ Disciplina:_____

Logo que li o soneto já lembrei de uma música que adoro. A canção é do Tim Maia - "Gostava Tanto de Você". Essa canção também fala sobre a saudade, e para mim é de alguém que já faleceu também. Apesar de não ter um apelo religioso e tão radical, a canção me traz a mesma sensação de melancolia e certa tristeza. Descrevi alguns versos abaixo que me fizeram relacioná-la com o soneto de camões:

"Nem sei porque você se foi
Quantas saudades eu senti
E de tristezas vou viver
E aquele adeus, não pude dar
Você marcou em minha vida
Viveu, morreu na minha história

Chego a ter medo do futuro
E da solidão, que em minha porta bate
E eu
Gostava tanto de você
Gostava tanto de você [...]"
Tim Maia (1973)

Vocês concordam com a minha relação? E pensam em algum texto ou até mesmo história real que se relaciona com o Soneto?

Cartão de Função - Dicionarista

Texto literário: Alma minha gentil, que te partiste

Autor: Luís de Camões

Estudante: xxxxxxxx Turma: xxxxxxxx Série: xxxxxxxx Disciplina:xxxxxx

Palavra: Etéreo (Questionar aos colegas se sabem o significado, antes de apresentar sua pesquisa e dar sua interpretação)

Trecho: “Se lá no assento etéreo, onde subiste. / Memória desta vida se consente”

Significados: é um adjetivo que pode significar:

- 1- algo particular do éter, que tem alguma relação com o éter (composto químico);
- 2 - algo divino que não faz parte do nosso mundo material, que está em um plano celestial.

Interpretação:

Dentro do contexto do trecho e do poema como um todo, acredito que o significado é algo divino, celeste. Que o assento, onde a pessoa que morreu está, é divino. Ou seja, para mim ela está no céu.

Cartão de Função - Sintetizador

Texto literário: Alma minha gentil, que te partiste

Autor: Luís de Camões

Estudante: _____

Turma: _____ Série: _____ Disciplina:_____

Síntese:

Bom, eu comprehendi que o eu lírico está falando com alguém que já faleceu. Além disso, seu interlocutor parece ter morrido bem cedo. E deixou muita saudade no eu poético, tanta saudade que ele pede para seu interlocutor que, se a tristeza dele merecer, peça a Deus que o mate também.

Cartão de Função - Pesquisador

Texto literário: Alma minha gentil, que te partiste

Autor: Luís de Camões

Estudante: _____

Turma: _____ Série: _____ Disciplina:_____

Pesquisa:

Eu achei muito curiosa a presença da forte religiosidade no poema. Em que o eu lírico comprehende que Deus levou seu interlocutor, e também tem o poder de levá-lo. Sendo assim, resolvi pesquisar sobre seu autor, local e data de nascimento. Descobri que Luís de Camões foi um poeta Português, que morreu em 1580. Curiosamente, a data de seu nascimento não é certa.

Com essa pesquisa, tendo em vista seu país e os anos em que viveu, comprehendi que a religião cristã fazia parte de seu contexto. Afinal Portugal era e é um país que tem como característica a forte presença católica, ainda mais na época que o poeta escreveu o seu soneto. Li que nesse período a igreja e a religião tinham grande poder sobre as pessoas que viviam por lá. Talvez isso possa explicar a forte presença da religião em seu poema.

Cartão de Função - Analista de Personagem

Texto literário: Alma minha gentil, que te partiste

Autor: Luís de Camões

Estudante: _____

Turma: _____ Série: _____ Disciplina:_____

Personagem: Eu lírico

Análise: O eu lírico não se identifica por um nome ou gênero, entretanto pela sua expressão é possível dizer que ele está muito triste, e que amou muito alguém que se foi. Achei ele um pouco exagerado também, pois quer morrer para encontrar a pessoa amada.

Personagem: Interlocutor

Análise: o interlocutor do eu lírico também não é identificado com gênero ou nome. Mas é identificado como uma “Alma gentil”, o que pode significar que era uma pessoa muito boa, ideia fortalecida também pelo fato do eu lírico imaginar ela no Céu. Além disso, ao meu entender, essa pessoa faleceu muito cedo.

Cartão de Função - Registrador/Notário

Texto literário: Alma minha gentil, que te partiste

Autor: Luís de Camões

Data da discussão: ____/____/____

Registrador: _____

Integrantes do grupo_____

Turma: _____ Série: _____ Disciplina:_____

Nosso grupo discutiu a leitura do texto “Alma minha gentil, que te Partiste”. Todos os integrantes cumpriram com seus cartões de Função. Entramos em consenso com a síntese trazida por Maria, que identificou o eu lírico como alguém triste que perdeu uma pessoa amada. Mas nem todos achavam ele tão exagerado, por exemplo Alessandro acha muito justo seus sentimentos.

Carlos trouxe o significado da palavra etéreo, ninguém sabia o que significava! Mas tendo em vista o poema como um todo, imaginamos que a pessoa estava no céu. De qualquer forma, a contribuição de Carlos com o significado do vocábulo ajudou a consolidar nossas interpretações.

Depois, Fernando trouxe a pesquisa sobre onde o autor do texto nasceu e em que data ele viveu. Foi muito interessante, estávamos achando o poema muito exagerado, mas a partir da contextualização podemos compreender mais sua produção.

[...]

ANEXO III - DIÁRIO DE LEITURA E EXEMPLO COM BASE NO SONETO

Diário de Leitura

Orientação ao Estudante

Este Diário de Leitura é um espaço para você registrar suas impressões, reflexões e interpretações pessoais sobre os textos que lê. Ele serve como um diálogo entre você e o texto, permitindo que você explore suas ideias e sentimentos. Utilize as páginas a seguir para anotar:

Dificuldades de compreensão de palavras ou trechos.

Trechos favoritos e suas observações sobre eles.

Evocações de vivências pessoais relacionadas ao texto.

Relações com outros textos que você já leu.

Apreciações de recursos textuais (linguagem, estilo, etc.).

Avaliação da ação das personagens.

Identificação de referências históricas ou culturais.

Seja livre para expressar suas ideias de forma individual. Seus registros serão a base para discussões coletivas.

Nome: _____

Título do conto: _____

Autor(a): _____

Data da Leitura: _____/_____/_____

Impressões e Reflexões:

ANEXO IV - FICHA CLASSIFICATÓRIA

Ficha classificatória dos contos apresentados

Nome: _____

Turma: _____ Data: ____ / ____ / ____

Ordem de Interesse Pessoal pela Leitura

Por favor, liste os cinco contos em ordem decrescente de interesse pessoal para leitura, começando pelo que mais lhe chamou atenção.

Ordem	Título do Conto	Autor:
1º		
2º		
3º		
4º		
5º		

ANEXO V - FORMULÁRIO DE AUTOAVALIAÇÃO

Formulário de Autoavaliação – Círculo de Leitura

Nome do(a) Estudante: _____

Conto Lido pelo Grupo: _____

Instruções: Este formulário tem como objetivo ajudar você a refletir sobre sua participação e aprendizado durante a prática do Círculo de Leitura. Não existem respostas certas ou erradas. Por favor, responda com sinceridade, pensando em todo o processo, desde a leitura individual até a apresentação final para a turma.

Parte 1: Leitura Individual e Preparação

1. Como você avalia seu envolvimento com a leitura individual do conto?

- Excelente (li com atenção e profundidade)
- Bom (li com atenção, mas poderia ter me aprofundado mais)
- Regular (li o texto, mas de forma superficial)
- Insuficiente (não consegui ler o texto ou li com muita dificuldade)

2. Sobre a tarefa de preparação para a discussão (Cartão de Função, Perguntas e Respostas ou Diário de Leitura), como você avalia sua dedicação?

- Cumprí a tarefa com dedicação, buscando registrar minhas melhores reflexões.
- Cumprí a tarefa, mas poderia ter sido mais detalhista ou profundo.
- Cumprí a tarefa de forma básica, apenas para constar.
- Não cumprí a tarefa ou a fiz com pouquíssima seriedade.

Parte 2: Discussão em Grupo

3. Como você descreveria sua participação nas discussões do seu grupo?

- () Participei ativamente, compartilhando minhas ideias e ouvindo os colegas.
- () Participei, mas falei pouco, preferindo mais ouvir.
- () Participei pouco, com dificuldade para expressar minhas opiniões.
- () Não participei das discussões.

4. Em que medida você se sentiu à vontade para expressar suas opiniões e respeitou as diferentes interpretações dos seus colegas?

- () Senti-me muito à vontade e respeitei totalmente as opiniões dos outros.
- () Senti-me à vontade, mas tive dificuldade em alguns momentos para me expressar ou para compreender um colega.
- () Senti-me pouco à vontade e tive dificuldade em respeitar opiniões diferentes da minha.
- () Não me senti à vontade e não consegui participar ou respeitar as discussões.

Parte 3: Apresentação Final e Reflexões

5. Como você avalia sua contribuição na preparação e na execução da apresentação final do seu grupo para a turma?

- () Colaborei ativamente em todas as etapas.
- () Colaborei em algumas partes, mas poderia ter ajudado mais.
- () Minha colaboração foi muito pequena.
- () Não colaborei com o grupo na apresentação.

6. Identifique qual a parte você mais gostou de toda a prática do Círculo de Leitura. Explique o porquê da escolha. (Pode ser algo sobre o conto, sobre seus colegas, sobre você mesmo, etc.)

7. Reflita sobre o processo vivido ao longo da atividade. O que foi mais significativo para você? Descreva e justifique sua resposta, considerando tanto os aspectos individuais quanto os coletivos dessa experiência.

8. De maneira geral, como você avalia a proposta e a prática do Círculo de Leitura vivenciada por você?

9. Que sugestões você daria para melhorar a prática do Círculo de Leitura em futuras oportunidades?

ANEXO VI - FORMULÁRIOS DE AVALIAÇÃO

Formulário de Avaliação - **Turma toda** - Segundo Encontro - **Compartilhamento da Ficha de Experiências Literária.**

Data: ____ / ____ / ____

Turma: _____

1. Preenchimento da ficha de experiências literárias.

() Bom

() Suficiente

() Insuficiente

Observações:

2. Compartilhamento das fichas literárias.

() Bom

() Suficiente

() Insuficiente

Observações:

Formulário de Avaliação - Turma toda - Terceiro Encontro - Modelagem Inicial

Data: ____ / ____ / ____

Turma: _____

1. Compreensão das etapas do círculo de leitura assim como seus objetivos.

() Bom

() Suficiente

() Insuficiente

Observações:

2. Construção do cronograma das atividades.

() Bom

() Suficiente

() Insuficiente

Observações:

3. Compreensão dos materiais que serão utilizados para o desenvolvimento da prática

() Bom

() Suficiente

() Insuficiente

Observações:

4. Engajamento dos estudantes durante as explicações e leitura coletiva do texto curto selecionado.

() Bom

() Suficiente

() Insuficiente

Observações:

Formulário de Avaliação - **Grupos** - Quarto Encontro - **Definição dos Grupos por meio dos Contos Literários**

Data: ___ / ___ / ___ Turma: _____ Conto: _____

Integrantes do Grupo: _____ ; _____ ;
_____ ; _____ ; _____.

1. Formação/aceitação do grupo designado por meio da classificação dos contos.

Bom

Suficiente

Insuficiente

Observações:

2. Eleição do representante do grupo

Bom

Suficiente

Insuficiente

Observações:

3. Definição das funções dos integrantes do grupo (no caso do uso dos cartões de função)

() Bom

() Suficiente

() Insuficiente

Observações:

Formulário de Avaliação - Grupos - Quinto Encontro - Discussão e registro.

Data: ___ / ___ / ___ Turma: _____ Conto: _____

Integrantes do Grupo: _____ ; _____ ;
_____ ; _____ ; _____ .**1. Leitura prévia do conto literário** Bom Suficiente Insuficiente

Observações:

2. Apresentação dos Cartões de função / Diário de leitura / Perguntas e respostas. Bom Suficiente Insuficiente

Observações:

3. Participação dos integrantes nas discussões.

() Bom

() Suficiente

() Insuficiente

Observações:

4. Centralidade do conto literário durante as discussões do grupo.

() Bom

() Suficiente

() Insuficiente

Observações:

5. Respeito às opiniões, interpretações e comentários feitos pelos integrantes.

() Bom

() Suficiente

() Insuficiente

Observações:

6. Discussão dos registros prévios trazidos pelos integrantes do grupo.

() Bom

() Suficiente

() Insuficiente

Observações:

7. Profundidade da discussão em relação ao conto.

() Bom

() Suficiente

() Insuficiente

Observações:

8. Registro final da discussão

() Bom

() Suficiente

() Insuficiente

Observações:

**Formulário de Avaliação - Grupos - Sexto Encontro - Releitura dos registros e
preparação para a apresentação à toda turma.**

Data: ___ / ___ / ___ Turma: _____ Conto: _____

Integrantes do Grupo: _____ ; _____ ;
_____ ; _____ ; _____ .

1. Releitura do registro da discussão.

Bom

Suficiente

Insuficiente

Observações:

2. Definição do modelo de apresentação.

Bom

Suficiente

Insuficiente

Observações:

3. Discussão e planejamento da apresentação

() Bom

() Suficiente

() Insuficiente

Observações:

Formulário de Avaliação - Grupos - Sétimo Encontro - Apresentação à toda turma.

Data: ____ / ____ / ____ Turma: _____ Conto: _____

Integrantes do Grupo: _____ ; _____ ;
_____ ; _____ ; _____ .**1. Qualidade da apresentação.** Bom Suficiente Insuficiente**Observações:**

2. Participação dos integrantes do grupo. Bom Suficiente Insuficiente**Observações:**

3. Centralidade do conto literário lido/discutido.

() Bom

() Suficiente

() Insuficiente

Observações:

4. Adequação ao gênero selecionado para a apresentação.

() Bom

() Suficiente

() Insuficiente

Observações:

Formulário de Avaliação - **Turma toda** - Oitavo Encontro - **apresentação da autoavaliação e discussão das impressões dos estudantes.**

Data: ____ / ____ / ____

Turma: _____

1. Apresentação do formulário de autoavaliação

() Bom

() Suficiente

() Insuficiente

Observações:

2. Discussão sobre impressões e possibilidades de desenvolvimento do Círculo de leitura.

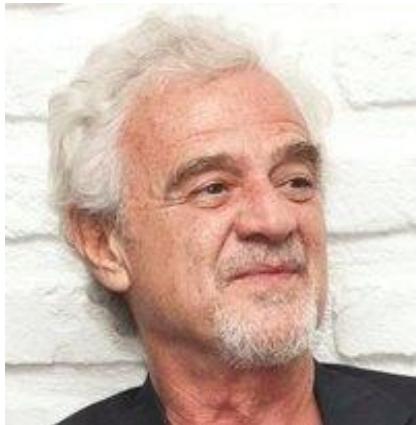
() Bom

() Suficiente

() Insuficiente

Observações:

COLABORADORES



Domingos Sávio Cunha GROSSI nasceu em Mercês-MG. Estudou Medicina e Comunicação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e trabalhou durante 45 anos em Belo Horizonte como redator jornalístico e publicitário, pesquisador de acervos históricos, coordenador e editor de publicações culturais. Autor do Livro *Horas Plenas - Prosa Poética*, vive atualmente em Barbacena.



Enéias Xavier GOMES é Promotor de Justiça em atuação no Estado de Minas Gerais. É Doutor em Direito Penal Contemporâneo e Mestre em Teoria Geral do Delito, ambos os títulos obtidos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Apaixonado por literatura, com especial apreço pela produção literária brasileira, dedica-se também à reflexão sobre os diálogos possíveis entre o Direito e as artes. Nesse sentido, assina uma coluna na Itatiaia, na qual explora as conexões entre literatura, arte e questões jurídicas presentes no cotidiano da sociedade.



Pamela Raiol RODRIGUES é doutoranda em Letras (Estudos Literários) no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA). É também mestra em Letras (Estudos Literários) pela mesma instituição, com pesquisa intitulada “Uma é a escritora, outra, a mulher: um estudo sobre as duas facetas da personagem feminina em Lésbia (1890), de Maria Benedita Câmara Bormann (Délia)”. Graduou-se em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, também pela UFPA. Atua como coordenadora de área (Língua Portuguesa) e como professora de Língua Portuguesa e suas Literaturas no Ensino Médio da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC-PA).



Christian COELHO nasceu em Belo Horizonte (1988). É poeta e contista, com publicações em diversas antologias literárias. Doutorando em Estudos Literários (UFMG). Vencedor do Concurso Literário Guimarães Rosa (2011). Letrista, ganhador da Mostra Samba Lagoinha (2016). Editor e livreiro (À Margem). Autor do livro Palavrador (Atafona, 2023).

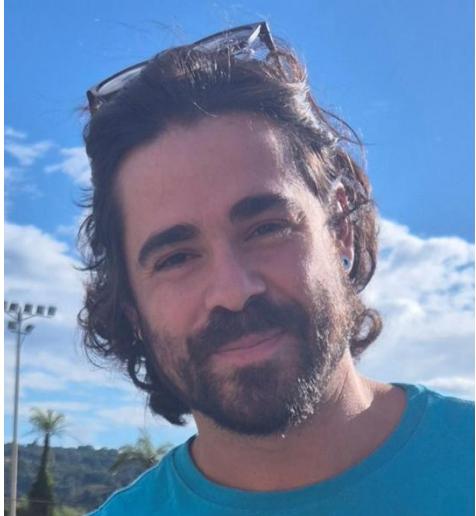


Magali Gouveia ENGEL é historiadora, com graduação e mestrado pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atuou como professora na UFF (1979–2006) e como colaboradora do PPGH-UFF até 2014. Foi professora associada da UERJ (2004–2017) e visitante do PPGH da UFBA (2018–2020), onde permanece como colaboradora. Suas pesquisas concentram-se na História Intelectual, História das Mulheres e Relações de Gênero, História da Escravidão e Pós-Abolição, com ênfase em temas como mulheres intelectuais e imprensa, Lima Barreto, histórias de famílias negras, gêneros e interseccionalidades.



Maria de Lourdes ELEUTÉRIO Professora do curso de Artes Visuais da FAAP, é doutora em Sociologia pela FFLCH-USP. Entre suas publicações destacam-se os livros *Oswald: itinerário de um homem sem profissão* e *Vidas de romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)*, além do artigo “Elas eram muito modernas”, publicado na coletânea *Modernismos, 1922-2022*.

AUTORES



Victor Martins Corrêa é graduado em Letras – Licenciatura em Português pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e possui experiência no ensino de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Atualmente, atua como professor de Língua Portuguesa na Escola Municipal Lucas Marciano, situada na zona rural de Brumadinho (MG). É mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia.



Raquel Aparecida Soares Reis Franco Doutora em Educação pela UFMG e mestre em Educação Tecnológica pelo Cefet-MG. Graduada em Letras e em Pedagogia. Pós-doutora em Educação pela FaE (UFMG). Professora do IFMG. Tem experiência na área de educação e linguagem, atuando principalmente nos seguintes temas: letramento acadêmico, ensino de língua portuguesa e formação de professores. Interessa-se, também, por temáticas voltadas para a EPTNM, avaliação educacional e institucional e políticas públicas.

PARIMPAR